

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA
CRIATIVA (PPGCIC)**

SÁRYON DA COSTA AZEVEDO

**O DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL E A ATIVIDADE CRIATIVA NA
AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE SÃO BORJA - RS**

São Borja

2021

SÁRYON DA COSTA AZEVEDO

**O DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL E A ATIVIDADE CRIATIVA NA
AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE SÃO BORJA - RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC), Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Pampa, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Joel Felipe
Guindani

São Borja

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A994d Azevedo, Sáryon da Costa

O documentário audiovisual e a atividade criativa na
agricultura familiar de São Borja/RS / Sáryon da Costa
Azevedo.

103 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do
Pampa, MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA CRIATIVA,
2021.

"Orientação: Joel Felipe Guindani".

1. Comunicação. 2. Indústria criativa. 3. Comunicação
audiovisual. 4. Agricultura familiar. I. Título.

SÁRYON DA COSTA AZEVEDO

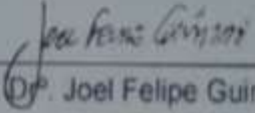
O DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL E A ATIVIDADE CRIATIVA NA
AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE SÃO BORJA - RS

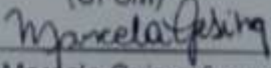
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC), Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Pampa, como requisito para a obtenção de Título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

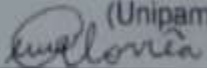
Área de concentração: comunicação
como indústria criativa.

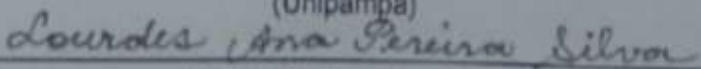
Dissertação defendida e aprovada em: 26/03/2021

Banca examinadora


Prof. Dr. Joel Felipe Guindani
Orientador
(UFSM)


Pr. Dr. Marcela Guimarães e Silva
Avaliadora
(Unipampa)


Prof. Dr. Renata Patricia Corrêa Coutinho
Avaliadora
(Unipampa)


Prof. Dr. Lourdes Silva
Avaliadora
(UNISA)

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação de mestrado é resultado de um trabalho de dois anos de pesquisa, produção audiovisual e de imersão na temática da Agricultura Familiar local. Ao longo dessa trajetória, muitas pessoas foram fundamentais para que o trabalho evoluísse e aqui agradecerei algumas dessas pessoas de forma sincera e respeitosa.

Agradeço a dedicação e o companheirismo de minha esposa, colega, servidora pública, administradora, jornalista e mãe, Chaiane Ferrazza Gomes, a qual tem em essência um talento multifacetado natural e único.

Agradeço também ao meu filho Leon Ferrazza Azevedo, que ainda no ventre de sua mãe, já ouve falar em dissertação e chuta sua barriga. Agradeço também, ao meu filho Lorenzo Gomes Azevedo que mesmo distante sempre me incentivou nesse trabalho.

Muitas pessoas me inspiraram a produzir algo direcionado aos agricultores familiares, mas o meu amigo Sr. Felipe dos Santos e sua filha Darlene dos Santos foram a inspiração principal, por mostrar como é ser um *“homem que fala com Deus”*.

Agradeço ao colega e amigo, Jonas Brum, pelo belo trabalho de identidade visual impresso ao documentário. Da mesma forma, agradeço a voz inigualável de Sidnei Siqueira e seus 50 anos de rádio, o qual narrou os episódios.

Agradeço ao escritório da EMATER São Borja pela receptividade, em especial a extensionista social Andréa Balbueno pelas abundantes colaborações.

Agradeço imensamente o apoio e incentivo do meu orientador e amigo Prof. Dr. Joel Felipe Guindani, inegavelmente um *“ser”* de grande coração, um sábio das letras e das imagens.

Por fim, agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de conhecer e conviver com essas pessoas, ter me dado saúde, paz e sabedoria para continuar trabalhando e estudando aqui nesse planeta.

Muito obrigado!

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é verificar como um produto audiovisual, do gênero documentário, relaciona-se com os aspectos do universo da agricultura familiar do município de São Borja/RS. O trabalho busca fomentar um diálogo interdisciplinar entre as temáticas da Comunicação, Indústria Criativa e Agricultura Familiar. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico aliado ao método etnográfico de pesquisa de campo, utilizando o audiovisual (documentário) como ferramenta de articulação. A presente pesquisa se propôs atingir objetivos específicos como: analisar os processos de produção do documentário, avaliar os resultados obtidos através das informações levantadas e compreender como a comunicação pode contribuir com a agricultura familiar e sua cadeia produtiva local. É possível afirmar que esses objetivos foram alcançados quando se observa o processo de aproximação e depois de interação com o objeto de estudo, bem como com a repercussão que o trabalho obteve, seja para o grupo de agricultores familiares estudados, seja para a comunidade externa que teve a oportunidade de conhecer e visitar as diferentes práticas camponesas através do documentário audiovisual produzido. O trabalho de pesquisa dividiu-se em dois momentos: primeiro, com um levantamento bibliográfico, seguido de uma imersão no contexto pesquisado, sob a forma de observação participante e de entrevistas semiestruturadas qualitativas. O segundo momento, sob a perspectiva de Bachelard, entendendo que todo o caminho percorrido para a produção do documentário é o próprio método de pesquisa, fazendo referência a uma interação aberta e recíproca entre as experiências empíricas e a ciência. Sendo assim, a pesquisa desenvolveu um documentário composto por cinco episódios que podem ser assistidos na plataforma de vídeos na internet *YouTube* através do *link* <https://www.youtube.com/watch?v=Dm6Q9k-dlzE>. Os resultados foram importantes no que diz respeito a seus aspectos quantitativos e qualitativos, com mais de 1.800 visualizações em 15 meses, o documentário promoveu o debate e a reflexão a respeito da atividade da Agricultura Familiar, da “rurbanidade”, do retorno à qualidade, bem como de elementos inerentes ao meio ambiente e à diversidade no campo.

Palavras-chave: Comunicação. Indústria criativa. Comunicação audiovisual. Agricultura familiar.

ABSTRACT

The general objective of this research is to verify how an audiovisual product, of the documentary genre, is related to aspects of the universe of family farming in the municipality of São Borja / RS. The work seeks to foster an interdisciplinary dialogue between the themes of Communication, Creative Industry and Family Farming. For this, a bibliographic survey was carried out, together with the ethnographic method of field research, using audiovisual (documentary) as an articulation tool. This research aimed to achieve specific objectives such as: analyzing the production processes of the documentary, evaluating the results obtained through the information gathered and understanding how communication can contribute to family farming and its local production chain. It is possible to state that these objectives were achieved when observing the approximation process and after interacting with the object of study, as well as with the repercussion that the work obtained, either for the group of family farmers studied, or for the external community had the opportunity to get to know and revisit the different peasant practices through the audiovisual documentary produced. The research work was divided into two moments: first, with a bibliographic survey, followed by an immersion in the researched context, in the form of participant observation and qualitative semi-structured interviews. The second moment, from the perspective of Bachelard, understanding that the entire path taken for the production of the documentary is the research method itself, making reference to an open and reciprocal interaction between empirical experiences and science. Therefore, the research developed a documentary composed of five episodes that can be watched on the internet video platform YouTube through the link <https://www.youtube.com/watch?v=Dm6Q9k-dlzE>. The results were important with regard to their quantitative and qualitative aspects, with more than 1,800 views in 15 months, the documentary promoted the debate and reflection on the activity of Family Farming, "rurbanity", the return to quality, as well as elements inherent to the environment and diversity in the field.

Keywords: Communication. Creative industry. Audiovisual communication. Family farming.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dados referentes à expansão da conectividade no Brasil	26
Figura 2 – Convite para o Encontro Virtual de Jovens Rurais, da região de Ijuí/RS, realizado em 12 de agosto de 2020.....	27
Figura 3 – Convite para I Encontro Virtual de Artesanato em Lã Ovina do Rio Grande do Sul, Microrregião Piratini, Pinheiro Machado e Pedras Altas, realizado em 26 de junho de 2020.....	28
Figura 4 – Convite para III Encontro Virtual para Jovens Rurais: Processo sucessório, políticas públicas e autonomia para o jovem agricultor, na Região de Santa Maria/RS, realizado dia 23 de julho de 2020.....	29
Figura 5 – Capa do documentário Observando a Agricultura Familiar: entender e valorizar o saber/fazer campestino.....	43
Figura 6 – Processo de produção do documentário: momento de captação da entrevista com o agricultor Felipe dos Santos, na localidade de Rincão do Ivaí, em São Borja/RS.....	45
Figura 7 – Participação no evento: Dia de Campo - Tema: Mandioca, localidade de São Marcos interior de São Borja/RS, no dia 22 de maio de 2019.....	47
Figura 8 – Processo de produção do documentário: captação de imagens na agroindústria Santa Rita, dos agricultores Fernando Comim e Odila Ferrazza, localidade de Santos Reis, em São Borja/RS.....	56
Figura 9 – Exemplo de iniciativa de serviço <i>delivery</i>	62
Figura 10 – Processo de produção do documentário: captação de entrevista com Ernestina Martins, artesã da agroindústria Arte em Lã, localidade do Caçacã, São Borja/RS.....	68
Figura 11 – Sr. Felipe dos Santos concedendo entrevista e ao fundo parte de sua horta.....	74
Figura 12 – Pelegos em fase de secagem na propriedade da Sra. Ernestina Martins.....	76
Figura 13 – Momento da gravação da entrevista com a família Comin e ao fundo plantação de morangos orgânicos.....	77
Figura 14 – Kelen Witt de Oliveira no momento da entrevista em frente a sua plantação de morangos orgânicos.....	78

Figura 15 – Interface do <i>YouTube</i> : tela com o documentário disponível para visualização.....	84
Figura 16 – Postagem no <i>Facebook</i> fazendo referência a entrega do documentário à equipe do escritório da EMATER/Ascar-RS de São Borja...	85
Figura 17 – Postagem de Darlene dos Santos, filha do agricultor familiar, Sr. Felipe dos Santos, personagem do episódio número cinco (5) do documentário.....	86
Figura 18 – Postagem da Sra. Ernestina Martins, agricultora familiar e artesã, personagem do episódio número três (3).....	87
Figura 19 – Postagem de Bruna Savaglia, amiga da Sra. Kelen Witt de Oliveira, proprietária da agroindústria Keli' tutes, personagem do episódio número dois (2).....	88
Figura 20 – Postagem da Sra. Odila Ferrazza, mãe de Fernando Comin, os quais são proprietários da agroindústria Santa Rita, personagens do episódio número quatro (4).....	89
Figura 21 – Postagem na página na internet da Unipampa acerca do documentário Observando a agricultura familiar.....	92
Figura 22 – Postagem na página na internet da Unipampa, campus São Borja, acerca do documentário Observando a agricultura familiar.....	93
Figura 23 – Postagem na página da Unipampa, no <i>Facebook</i> , acerca do documentário Observando a agricultura familiar.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Objetivos específicos X metodologias utilizadas.....	70
Quadro 2 – Demonstrativo do número de visualizações no <i>Youtube</i> de cada um dos episódios da série <i>Observando a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino</i>	82
Quadro 3 – Comentários postados por usuários da plataforma <i>YouTube</i> acerca do documentário <i>Observando a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino</i>	83

LISTA DE SIGLAS

AAFNs – Alternative Agrofood Networks

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações

CETIC.BR – Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação

CGI.BR – Comitê Gestor da Internet no Brasil

DCMS – Department for Digital Culture, Média and Sport

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

PPGCIC – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa

SEBRAE – Serviço de Apoio às Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNCTAD – Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A COMUNICAÇÃO COMO EVOLUÇÃO HUMANA.....	18
2.1 Comunicação na Revolução Industrial.....	20
2.2 Convergências de comunicações e culturas.....	23
2.3 Desafios da conectividade no campo.....	25
3 COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL COMO INDÚSTRIA CRIATIVA.....	31
3.1 Documentário como forma de expressão do saber/fazer campesino.....	36
3.2 Produção da narrativa documental.....	42
3.3 O audiovisual como linguagem de interação social e visibilidade.....	45
3.4 Personagens e seus lugares de fala.....	48
4 A MISTURA DO RURAL E DO URBANO: ALGUNS ASPECTOS DA RURBANIDADE.....	51
4.1 Retorno às origens e os sistemas produtivos.....	57
5 METODOLOGIA.....	63
5.1 Imersão no campo de pesquisa a partir da inspiração etnográfica.....	63
5.2 A pesquisa é o percurso	65
6 RESULTADOS E ANÁLISES.....	71
6.1 Os processos de produção do documentário	71
6.2 Os resultados obtidos com o levantamento das informações e da observação do seu cotidiano.....	73
6.3 A contribuição do documentário audiovisual para a valorização e reconhecimento da cadeia produtiva local.....	79
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

É crescente o uso da comunicação e internet pelos grandes produtores rurais, bem como pelos agricultores familiares através das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), sobretudo das redes sociais. A expansão e qualificação das redes de internet e conectividade são os maiores desafios para o meio rural atualmente, seja para o universo do agronegócio, seja para os pequenos produtores rurais.

As informações e dados sobre essa expansão da conectividade no campo apresentam diferentes formas de análises. De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dados revelam que, no Brasil, existem 5,07 milhões de estabelecimentos rurais, sendo que 71,8% desse universo não têm acesso à internet via conexão de fibra óptica com qualidade e velocidade adequada para uso intensivo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1974, p. 62), entretanto, vale ressaltar, que os dados são de 2017.

Se, por um lado, a internet via fibra óptica (fixa/cabo) ainda apresenta deficiências no Brasil, por outro a conexão móvel através de smartphones com tecnologia 4G mostra números mais positivos. De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), dos mais de 5.500 municípios brasileiros, 85% estão contemplados com a tecnologia 4G (AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES, 2020). Essa tecnologia que alimenta dispositivos móveis, principalmente smartphones, é a mais utilizada pela população e, também, dentre os agricultores familiares. Basicamente o uso da internet por esse grupo é com a finalidade de ter acesso às redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e aplicativos de mensagens instantâneas, com o consumo de imagens e conteúdos audiovisuais.

Assim, os dados da Anatel encontram ressonância na pesquisa TIC Domicílios (2019), realizada pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), departamento ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), tem a atribuição de estabelecer diretrizes estratégicas ao uso e desenvolvimento da Internet no Brasil, efetivamente na execução do registro de “Nomes de Domínio”, alocação de “Endereço de IP” (internet protocol) e administração pertinente ao “Domínio de Primeiro Nível br”. A pesquisa e o Instituto realizador representam uma das principais iniciativas do país sobre o assunto, os

quais informam que 77% dos usuários de internet conectam-se, exclusivamente, pelo telefone celular, lê-se smartphones (CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, 2020).

Ainda refletindo sobre o alcance da tecnologia 4G, o próprio IBGE, através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgou que, de 2016 para 2017, o número de domicílios com acesso à internet progrediu de 33,6% para 41% na zona rural, por outro lado, na área urbana, a conectividade chega a 80,1%. O levantamento do IBGE também mostra que o Brasil ganhou 10 milhões de novos usuários em apenas um ano, sendo que o grupo dos idosos foi o que registrou o maior crescimento. O celular é o principal aparelho usado para acessar a internet, enquanto o uso dos microcomputadores caiu, assim como o dos tablets (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

Quando se observa esses dados oferecidos pelo IBGE e TIC Domicílios, é possível identificar uma maior popularização da internet na zona rural do Brasil, sobretudo através da tecnologia móvel 4G. Não obstante, como será possível verificar no decorrer deste estudo, os dados refletem a realidade empírica pesquisada, uma vez que, das quatro famílias de agricultores familiares, as quais são o objeto desta pesquisa, três delas demonstram que estão conectadas e utilizam, de diferentes formas, as novas tecnologias de comunicação, principalmente com a utilização dos smartphones com tecnologia 4G. Esse cenário descrito acima proporciona elementos importantes que permitem uma reflexão acerca das novas perspectivas que surgem para o homem urbano, bem como para o homem rural, sobretudo tendo à disposição os recursos tecnológicos de som, imagem e conexão, proporcionando uma comunicação mais rápida, objetiva e atraente através de suas mais variadas formas de ação.

Nesse sentido, uma nova forma de interação entre o rural e o urbano resulta da aproximação das cadeias produtivas entre quem produz e quem consome e o papel da comunicação nesse processo torna-se evidente na medida em que a mesma serve como vetor para essa interação de iniciativas, seja como facilitadora dos processos, seja como forma de geração de mais renda, mais empregos e, conseqüentemente, de mais organização e permanência das famílias no meio rural. Utilizar os recursos audiovisuais resultantes de uma experiência empírica de produção documental permitiu, de certa forma, uma iniciativa importante de demonstrar o trabalho realizado pelos agricultores familiares, bem como de valorizar

o saber/fazer campesino, que, muitas vezes, acaba não ganhando o devido destaque frente à uma economia predominada pelas produções em larga escala e com uma pequena variedade de culturas.

O município de São Borja, pano de fundo deste estudo, na região da Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul, possui aproximadamente 61.671 habitantes, sendo que 55.138 (89,4%) vivem no meio urbano e 6.533 (10,59%) residem no meio rural. Possui um território de cerca de 3.616 Km² e tem sua principal matriz produtiva alicerçada no agronegócio, com destaque para a produção de arroz, soja e milho e a pecuária bovina. O Serviço de Apoio às Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (SEBRAE/RS) realizou um estudo denominado Perfil das Cidades Gaúchas publicado em 2019, onde apresenta uma série de dados econômicos, dentre os quais algumas características da atividade agropecuária no município de São Borja. De acordo com o estudo, a produção do agronegócio domina o cenário rural, sendo que, de um total de 121.525 hectares plantados em 2016, 49,4% foram destinados à soja, 36,2% ao arroz, 11,1% ao trigo e 3,3 ao milho (SEBRAE/RS, 2019). Esses dados demonstram a supremacia dos grandes produtores de grãos frente aos esforços e persistência do agricultor familiar em permanecer produzindo e residindo no campo.

Então, buscando retratar esse grupo de trabalhadores, como primeiro passo tornou-se imprescindível entender como os agricultores familiares do município de São Borja desenvolviam suas atividades profissionais e de subsistência diante de um cenário dominado pelos grandes empresários do agronegócio, com a produção de grãos (arroz, soja, trigo e milho), bem como pecuaristas com expressivas extensões de terras destinadas exclusivamente a criação bovina. Enquanto o mundo do *agribusiness*, conta com apoio e incentivo da legislação e dos órgãos públicos competentes, e ainda, do sistema bancário através de créditos agrícolas abundantes, os produtores rurais com a atividade da agricultura familiar, parecem estar à margem de todo esse sistema, em uma tentativa trabalhosa e insistente de continuar a viver e produzir no campo. Essa aproximação com os agricultores familiares foi uma das fases do processo de pesquisa e possibilitou conhecer essa realidade para uma posterior retratação, já que permitiu compreender algumas características inerentes ao objeto de pesquisa, os agricultores familiares, e do contexto em que esse objeto está inserido (propriedade rural, relações sociais, etc.). Na observação desse contexto, foi possível iniciar a reflexão acerca do interesse em

saber como a comunicação, especificamente a comunicação audiovisual, pode ser um dos elementos constitutivos das rotinas desses agricultores, ou seja, a comunicação como agente criativo a serviço da agricultura familiar.

Para tanto, esta pesquisa que resultou em um documentário, foi desenvolvida junto a quatro núcleos familiares do município de São Borja que pertencem à atividade da agricultura familiar, as quais foram escolhidas levando em consideração quatro critérios distintos, sendo eles: Um (1); enquadrar-se como agricultor familiar (tamanho da propriedade), conforme os critérios do Ministério da Agricultura¹. Dois (2); localização geográfica na área rural do município de São Borja, contemplando distintas regiões. Três (3); tipo de atividade desenvolvida na propriedade rural, buscando atividades distintas e quatro (4); a comunicabilidade dos personagens.

Através da abordagem de inspiração antropológica, utilizando-se do recurso metodológico da etnografia como forma de interação e imersão no contexto da agricultura familiar, e, sobretudo, sob a prática da observação participante, foi possível criar canais e meios de participação e articulação junto aos produtores rurais na construção de suas próprias narrativas em uma produção audiovisual de gênero documentário. Instrumentalizando-os para que os próprios agricultores familiares, de fato, construíssem os conteúdos e as narrativas fílmicas, seja pelo registro de imagens em movimentos (vídeo), levantamento fotográfico, entrevistas (sonoras), trilha sonora, histórias, personagens, seja pela escolha de enfoques específicos.

Aproximar os recursos tecnológicos de produção audiovisual aos agricultores familiares permitiu que os próprios agentes pesquisados fossem, também, os atores ativos do processo de criação e produção eletrônica. Isso significou a possibilidade de expressão de sentidos, de capacidades de ampliação da inteligência criativa dos sujeitos envolvidos e do desenvolvimento de processos de aprendizagem coletiva e de saberes.

A partir dos processos de imersão e observação participante foi possível a produção de um documentário que foi intitulado de “Observando a Agricultura Familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino” link <https://www.youtube.com/watch?v=Dm6Q9k-dlzE>. Essa produção conta com cinco

¹ Ministério da Agricultura: Lei 11.326/2004 - Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Critérios: 1) Atividade profissional do meio rural; 2) Área de terra de até quatro módulos fiscais; 3) Mão de obra da própria família; 4) Principal renda familiar ter origem na propriedade (BRASIL, 2004).

episódios que dão forma a uma série, sendo que o Episódio um (1), com 38 minutos, destaca os conceitos de “rurbanidade” e “virada da qualidade”, os quais acabaram emergindo com a atividade das quatro famílias de agricultores familiares de São Borja/RS. Nos episódios dois (2), três (3), quatro (4) e cinco (5) são destacados o *saber/fazer* das quatro famílias de forma específica e aprofundada, sendo elas: Agroindústria Keli’ tutes, Arte em Lã, Agroindústria Santa Rita e o agricultor familiar Felipe dos Santos. O documentário apresenta, ainda, a participação do professor Dr. Sérgio Schneider - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do professor Dr. Gustavo Cimadevilla - Universidad Nacional de Río Cuarto Córdoba / Argentina que trazem uma discussão acadêmica acerca da temática abordada no documentário.

Considerando essa produção audiovisual, onde se revelaram distintas realidades sociais e econômicas que convivem em um mesmo espaço, o meio rural, assim como a relevância que tem a atividade da agricultura familiar com suas características de multiprodução em pequenas áreas de terra, este estudo procura focar no seguinte problema: **como a produção do documentário audiovisual se relaciona aos processos de transformação da cadeia produtiva local da agricultura familiar desse público estudado?**

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é: **verificar como um produto audiovisual, do gênero documentário, relaciona-se com os aspectos do universo da agricultura familiar do município de São Borja/RS.**

Para atingir esse objetivo central, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar os processos de produção do documentário Observando a Agricultura Familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino;
- b) Avaliar os resultados obtidos com o levantamento das informações através das entrevistas com os agricultores familiares e da observação do seu cotidiano;
- c) Compreender como a comunicação, através do audiovisual, pode contribuir na valorização e reconhecimento dos agricultores familiares inseridos nessa cadeia produtiva local.

Este estudo está dividido em sete capítulos, sendo que o primeiro trata-se desta introdução. Já no capítulo dois, tem-se a intenção de relacionar a temática da comunicação, do audiovisual de gênero documentário, a agricultura familiar e as possíveis provocações que possam surgir dessa relação. O audiovisual como

iniciativa tecnológica e pertencente à atividade da indústria criativa vem ao encontro das novas formas de interação e de reconhecimento desse universo da agricultura familiar.

Por sua vez, o capítulo três aborda acerca da convergência das diferentes formas de comunicação e a cultura, observando aspectos da interatividade, conectividade e das novas tecnologias. O capítulo quatro encarrega-se de aprofundar a discussão das novas tecnologias, porém aplicado ao saber/fazer campesino, introduzindo, assim, a temática da agricultura familiar à discussão. Verificando, assim, que, ao contrário do que pensa o senso comum, as novas tecnologias estão cada vez mais próximas do homem do campo, uma vez que ele vem utilizando essas ferramentas digitais cada vez com mais frequência, seja em proveito próprio ou comunitário.

Na sequência, o capítulo cinco aborda os aspectos metodológicos utilizados na execução desta pesquisa. Já no capítulo seis, serão expressas algumas considerações e resultados que esse trabalho de pesquisa (teórica e empírica) proporcionou, seja sob a forma objetiva, no que se refere aos dados quantitativos de visualizações e repercussões, mas, sobretudo, sob a sua forma subjetiva no sentido mais humano e implícito da valorização do saber/fazer campesino.

O capítulo seis traz a análise dos resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa e a produção do documentário. Por fim, o capítulo sete, tece as considerações finais acerca deste estudo.

2 A COMUNICAÇÃO COMO EVOLUÇÃO HUMANA

A comunicação está presente na humanidade desde os primeiros *homo sapiens neanderthalensis*, que habitaram esse planeta há aproximadamente 230.000 anos, ainda com sua caixa craniana longa e proeminente, chegando à altura média de 1,68m. Seus ossos eram fortes e pesados, mostrando sinais de uma poderosa estrutura muscular, evidenciando uma vida dura e brutal, onde raramente passava dos 30 anos de idade. No reino animal têm-se os primatas, nossos parentes próximos, que instigam por sua semelhança, comportamento e atitudes humanoides surpreendentes.

A linguagem dos macacos tem um ritmo semelhante ao da fala humana. Estudos ² mostram que a percepção dos macacos “rhesus” está sintonizada a uma frequência natural de comunicação, de modo parecido ao que acontece com os seres humanos. Na fala humana, o ritmo é fundamental para que a comunicação interpessoal aconteça, visto que, em praticamente todas as línguas contemporâneas, a fala segue uma frequência que vai de três a oito hertz. Quando alguma coisa perturba o ritmo da fala aumentando ou diminuindo sua frequência, a capacidade das outras pessoas entenderem o que está sendo dito diminui. Segundo os cientistas, isso significa que a percepção humana está, de algum modo, “sintonizada” a essa frequência. A pesquisa publicada pela Revista PNAS (Proceedings of The National Academy of Sciences) com título original de “Monkeys are perceptually tuned to facial expressions that exhibit a theta-like speech rhythm”³ demonstra que a linguagem de outros primatas que se comunicam por meio de expressões faciais está baseada no mesmo ritmo, sugerindo que a fala humana teria origem nesse tipo de ancestral de comunicação.

O fenômeno da comunicação e o ato de comunicar-se entre os seres de mesma espécie, e mesmo entre os seres de espécies diferentes, fez com que o mundo de forma geral avançasse e, principalmente, fez com que o homem (espécie) evoluísse, significativamente, na história da humanidade. O filme franco-canado-estadunidense “A Guerra do Fogo” (La Guerre du Feu), de 1981, dirigido por Jean-

² A pesquisa publicada pela Revista PNAS (Proceedings of The National Academy of Sciences) com título original de “Monkeys are perceptually tuned to facial expressions that exhibit a theta-like speech rhythm.”

³ Tradução literal: Os macacos são perceptivamente sintonizados com expressões faciais que exibem um ritmo de fala.

Jacques Annaud, retrata um período paleolítico dos homens das cavernas, onde a comunicação e o poder são definidos pelo controle do fogo, sendo que a tribo pré-histórica (fictícia) de Ulam acredita que a posse e controle do fogo seja um ato sobrenatural. Nessa jornada, os personagens conhecem uma mulher da espécie *Homo Sapiens* e com ela aprendem muitas coisas novas, como formas diferentes de comunicar-se, dar risadas, construir casas, pintura corporal, o uso de novas ferramentas e, o principal, aprendem a produzir seu próprio fogo.

Essa rápida reflexão paleontológica tem como objetivo introduzir o tema da comunicação como exercício inerente ao ser humano desde sempre. O ato de comunicar, seja pela expressão facial, seja por fala, ruídos, desenhos e movimentos está na genética que coordena o desenvolvimento e funcionamento do homem contemporâneo. Já em tempos modernos, a problemática da comunicação no processo de desenvolvimento da nova sociedade significa, sim, um ato de transformação do mundo que os cerca. Nessa perspectiva, é possível observar a comunicação como ato associado à educação, visão essa defendida por Freire (1983), que propõem esse caminho compreendido em uma óptica verdadeira, que não é outro senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo:

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não *slogannizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em "seres para outro" por homens que são falsos "seres para si" (FREIRE, 1983, p. 28).

Não obstante, Freire (1983) influenciou o movimento chamado pedagogia crítica, o qual consiste em entender que o "diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos" (FREIRE, 1983, p. 30). Ainda sob a ótica do autor, quando o ser humano interage em sociedade, sem o intermédio dos meios de comunicação ou mecanismos de propagação midiática de suas percepções, esse mesmo homem está efetivamente manifestando e criando relações sociais próximas e coletivas. O diálogo interpessoal tem o poder de relatar fatos, lembrar acontecimentos, projetar e, ainda, de expressar emoções, sentimentos e opiniões, ou seja, a comunicação pessoal, de certa forma, é uma

atitude de solidariedade entre o presente e o passado, em que o primeiro aponta para o futuro, dentro do quadro da continuidade histórica (FREIRE, 1983).

A comunicação está entrelaçada ao ser/existir como uma condição humana de pensar, refletir e agir. Nesse sentido, Nietzsche (2012) promove uma reflexão importante acerca desta temática:

Parece-me que a sutileza e a força da consciência estão sempre relacionadas à capacidade de comunicação de uma pessoa [...], e a capacidade de comunicação, por sua vez, à necessidade de comunicação (NIETZSCHE, 2012, p. 221).

Ou seja, a comunicação, apesar de ser um ato corriqueiro e involuntário, por vezes, ocorre também de forma instantânea, condicional e constitutiva para a sobrevivência da humanidade. Frente ao exposto, é possível compreender que o ser humano não sobreviveria sem a consciência, uma vez que esta lhe permite comunicar-se, interagir, socializar e viver em comunidade.

A partir do momento em que o indivíduo tem consciência do mundo, ele começa a tentativa de descrevê-lo e de interagir com os outros seres que o rodeiam. Por exemplo, quando o bebê começa a balbuciar as primeiras palavras, na tentativa de estabelecer uma comunicação verbal, por volta do primeiro ano de idade, ele já articula pelo menos duas a quatro sílabas, sendo que, aos dois anos já consegue formar frases com duas a quatro palavras, e essa progressão só vai aumentando com o passar do tempo, resultado das experiências e da necessidade de comunicar-se. Pode-se concluir, então, que não há atividade humana que não seja construída sob a perspectiva da comunicação (FEIL, 2013).

2.1 Comunicação na Revolução Industrial

Quando se observa a evolução que a humanidade apresentou ao longo de sua trajetória, é inevitável não identificar a importância que a Revolução Industrial, ocorrida nos séculos XVIII e XIX, principalmente na Europa, teve nesse processo evolutivo. Dentre as mudanças mais significativas desse acontecimento, foi a substituição do trabalho manual/artesanal pelo trabalho assalariado e com a utilização de ferramentas e máquinas, além do deslocamento massivo de pessoas que viviam no campo para os grandes centros urbanos. Esse cenário favoreceu o

surgimento de cidades, concentrações de pessoas, bem como as grandes invenções, tais como a energia elétrica, as ferrovias, as indústrias e a mineração. E no que tange a comunicação, surgiram os meios de comunicação de massa, incluindo emissoras de rádio, gráficas e jornais.

Mais adiante, conforme Martino (2001), impulsionada pelas diversas mudanças que vivia a sociedade da época, no início do século XX, a humanidade assiste ao nascimento de várias disciplinas científicas com o fortalecimento das universidades e da educação como forma de emancipação e evolução humanista. Desse modo, dando notoriedade à importância dos saberes organizados em torno dos processos comunicativos. O autor destaca que as disciplinas de Filosofia e Sociologia deslocam seus centros de gravidades para a problemática da Comunicação, procurando pensar essa temática como fenômeno social.

Desse diálogo, surge um novo saber especializado, ou ainda, uma nova disciplina científica, cujo objetivo seria o de analisar e observar os fenômenos e processos de comunicação na sociedade moderna. A comunicação social surge, então, como uma iniciativa de natureza interdisciplinar, onde se torna relevante a participação das outras áreas do conhecimento para que se pesquise a ação comunicacional com toda a expertise que o tema solicita (MARTINO, 2001).

Surgem, assim, diferentes escolas que debruçam suas atenções sobre o tema, sendo uma delas a Escola Funcionalista, a qual se atribui a análise dos meios de comunicação representados por diferentes tradições de pesquisa. Os objetos historicamente privilegiados pelo funcionalismo são: a persuasão, o controle social, os usos e gratificações, os processos de produção da notícia e a análise do processo através do qual os meios de comunicação adquirem sua eficácia ao emergirem como elementos estruturantes de uma sociedade. Outro grupo que surge é a Escola Crítica ou Escola de Frankfurt, fortemente influenciada pelos conceitos marxistas (alienação e ideologia), a qual integra uma análise dos meios de comunicação enquanto tecnologias da inteligência (MARTINO, 2001).

Contudo, a interpretação desses movimentos históricos que surgem com a revolução industrial na esfera econômica e política, bem como seus reflexos sob aspectos sociais e culturais no que dizem respeito aos fenômenos da comunicação de massa, pode-se observar que esses referidos movimentos não se opõem objetivamente, muito pelo contrário, equivalem-se e fortalecem-se. Ou seja, percebe-se que os meios de comunicação e a cultura de massa estão interligados,

constituindo uma relação de reciprocidade e complementação. Pode-se, assim, distinguir as problemáticas filosóficas da comunicação enquanto fundamento da consciência humana sob a perspectiva de Nietzsche, bem como aspectos articuladores históricos da tomada de significação dos processos comunicativos a partir da emergência de um tipo organizado de sociedade de massa. De acordo com Martino (2001):

O processo comunicativo deixa de ser analisado em sua generalidade, não sendo mais tratado como o fundamento da ciência humana (quer em sua forma coletiva ou individual); ele passa a ser investido como estratégia racional de inserção do indivíduo na coletividade (MARTINO, 2001, p. 31).

Ainda que exista a possibilidade de reflexão e análise de uma sociedade complexa em outras ciências, a comunicação mostrou-se eficaz nesse objetivo. Nesse sentido, a natureza interdisciplinar dos estudos de comunicação deve interpretar como a participação de disciplinas independentes e importantes como sociologia, psicologia, filosofia, linguística entre outras, guardados seus interesses específicos, podem atuar de forma integrada às observações e análises dos fenômenos comunicacionais modernos. Ainda baseado no pensamento de Martino (2001), pode-se entender a comunicação estruturada em dois aspectos que são, ao mesmo tempo, integrados e distintos. O primeiro aspecto consiste no universo da comunicação humana e da consciência inerente ao “*homo sapiens*”, já o segundo é a comunicação de dispositivos técnicos direcionados à modernidade e sua organização em sociedade de massas.

Apresentou-se, então, um levantamento teórico pertinente às temáticas da comunicação, bem como as possíveis interações e diálogos interdisciplinares entre os conceitos da própria comunicação, indústria criativa e agricultura familiar. O objetivo foi propor uma reflexão sobre o ato comunicacional, entendido aqui, como forma de interação social e expressão humana. Considerando que este trabalho se debruça na atuação dos agricultores familiares de uma determinada região e como estes se organizam em um contexto predominantemente dominado pelos grandes produtores do agronegócio, essa reflexão teórica inicial é fundamental para dar sentido à compreensão desse universo. Desse modo, facilitando observar como a comunicação permeia as articulações sociais características desse público estudado, assim como permitindo descrever o contexto de consumo e utilização da comunicação - tecnológica ou não - pelos sujeitos investigados.

2.2 Convergências de comunicações e culturas

Anteriormente, viu-se que a presença da comunicação pode ser identificada desde os primeiros *homo sapiens*, tendo ela desempenhando um papel primordial na construção da nova sociedade e tornando-se, no início do século XX, o centro de várias disciplinas científicas que acabam de nascer.

Quanto ao significado de comunicação, definir um conceito único e fechado, além de ser inviável, mostra-se também inadequado e ingênuo. Sob a luz de Martino (2019) é possível verificar a complexidade de conceituar comunicação, uma vez que ela apresenta uma diversidade de sentidos variados, dependendo dos objetivos que se pretende atingir. Nesta pesquisa, especificamente, tem-se a intenção de observar o objeto de estudo (agricultores familiares) no sentido de pensar problemas que articulem diferentes tradições de pensamentos, colocando a comunicação enquanto processo de valorização, identidade e visão de mundo. O autor sugere que é possível uma definição teórico-conceitual associando à teoria e à área de conhecimento de forma coletiva e individual:

A vantagem da definição teórico-conceitual é que - além de permitirem acompanhar as variações históricas dos modos como os homens se comunicam - também tornam possível considerar a historicidade da própria comunicação, enquanto ideia e prática social (MARTINO, 2019, p. 19).

No universo que foi desenvolvida a pesquisa, ou seja, no contexto dos agricultores familiares do município de São Borja/RS, foi possível ter diferentes percepções em relação ao modo de vida já estabelecido ao longo de suas histórias. Porém, uma característica marcante das famílias pesquisadas, diz respeito a suas distintas formas de atuar, as suas diferentes origens familiares, bem como as suas diversas formas de relações estabelecidas com a natureza e com o seu habitat.

Essa descrição é importante para associar às reflexões de Martino (2019), as quais mencionam que não há comunicação sem alteridade. Dito de outra forma, diversos são os modos pelos quais a comunicação constitui-se e essa diversidade é o que torna o processo valioso a todos os envolvidos. Essa alteridade que o autor menciona é necessária para a própria consciência de coletividade e de indivíduo participante e produtivo no seu meio. Além disso, Martino (2019, p. 20) enfatiza que

“gerar alteridade, estabelecer distâncias, a comunicação é fruto de uma diferença e se expressa como dois modos distintos de lidar com ela”.

No item anterior, abordou-se acerca da importância que a sociedade organizada em massa teve no século XX, que serve de base para a sociedade em que se vive atualmente. Os grandes centros urbanos, as megalópoles e as regiões metropolitanas das grandes capitais formam um aglomerado de pessoas, de costumes e de culturas das mais distintas orientações e origens. Esse novo cenário sociocultural é uma das temáticas sobre o qual reflete Canclini (1995), que alerta para as mudanças que ocorreram no final do século XX, momento esse em que “as sociedades se reorganizam para fazer-nos consumidores do século XXI e, como cidadãos, levar-nos de volta para o século XVIII” (CANCLINI, 1995, p. 29).

No contexto globalizado moderno, a distribuição dos bens e das informações de forma massiva, bem como o consumo, acaba por aproximar os países desenvolvidos ou “centrais”, como refere Canclini (1995), dos países periféricos e em desenvolvimento. Percebe-se que o contexto globalizado - ou em globalização -, é decorrente e estruturador de processos de comunicação, ou também de comunicações, no plural, porque diz respeito às novas formas de comunicação tecnológicas plurais e em rede (CASTELLS, 2002).

Esse cenário fica evidente quando se observa nos supermercados as mesmas marcas de produtos tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos e, também, quando uma comunidade do interior do Peru tem acesso às últimas produções hollywoodianas que a elite Inglesa também tem. Da mesma forma, essa disseminação instantânea está presente no jornalismo, possibilitando, por exemplo, que o povoado localizado no vale do Rio São Francisco, no nordeste brasileiro, acompanhasse ao vivo o ataque terrorista nas torres gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001, e de certa forma, vivenciasse o contexto do fato em tempo real.

Verifica-se, na atualidade, que esse multiculturalismo ressaltado por Canclini (1995) está cada vez mais evidente e experienciado, seja de forma virtual através das redes sociais ou aplicativos de mensagens instantâneas, seja nas ruas onde convivem árabes, europeus, africanos, latinos, americanos e brasileiros. Em uma escala menor, supõe-se que esse mesmo multiculturalismo ocorra nas cidades de pequeno porte e no interior do país, ou seja, pessoas das mais diferentes origens,

localizações geográficas e culturas convivendo em um mesmo espaço de troca. E é justamente sob esse pano de fundo que Canclini (1995) desenvolve sua perspectiva:

Estudar a reestruturação dos vínculos entre consumo e cidadania é um modo de explorar as saídas do labirinto em que nos deixou a crise “do popular”. Ainda se escuta em manifestações políticas de cidades latino-americanas: “Se este não é o povo, o povo onde está? [...] Assim como “o popular” foi se tornando inapreensível pela multiplicidade de encenações como que folclore, as indústrias culturais e o populismo político o representam, hoje se usa sociedade civil para legitimá-las os mais heterogêneas manifestações de grupos, organismos não-governamentais, empresas privadas e até indivíduos (CANCLINI, 1995, p. 31-33).

A perspectiva de Canclini (1995) demonstra a importância que têm os diferentes e os desiguais nessa colcha de retalhos do multiculturalismo em que vive a humanidade contemporânea. Sob essa mesma perspectiva é possível observar a realidade empírica na qual foi desenvolvida a pesquisa e, também, identificar essas manifestações distintas de multiculturalidades, assim como as diversas atitudes que representam o mundo em globalização. Mundo este onde se verifica a presença constante das novas formas de comunicação tecnológicas, invariavelmente através das redes sociais, dos dispositivos móveis e de sua conectividade.

2.3 Desafios da conectividade no campo

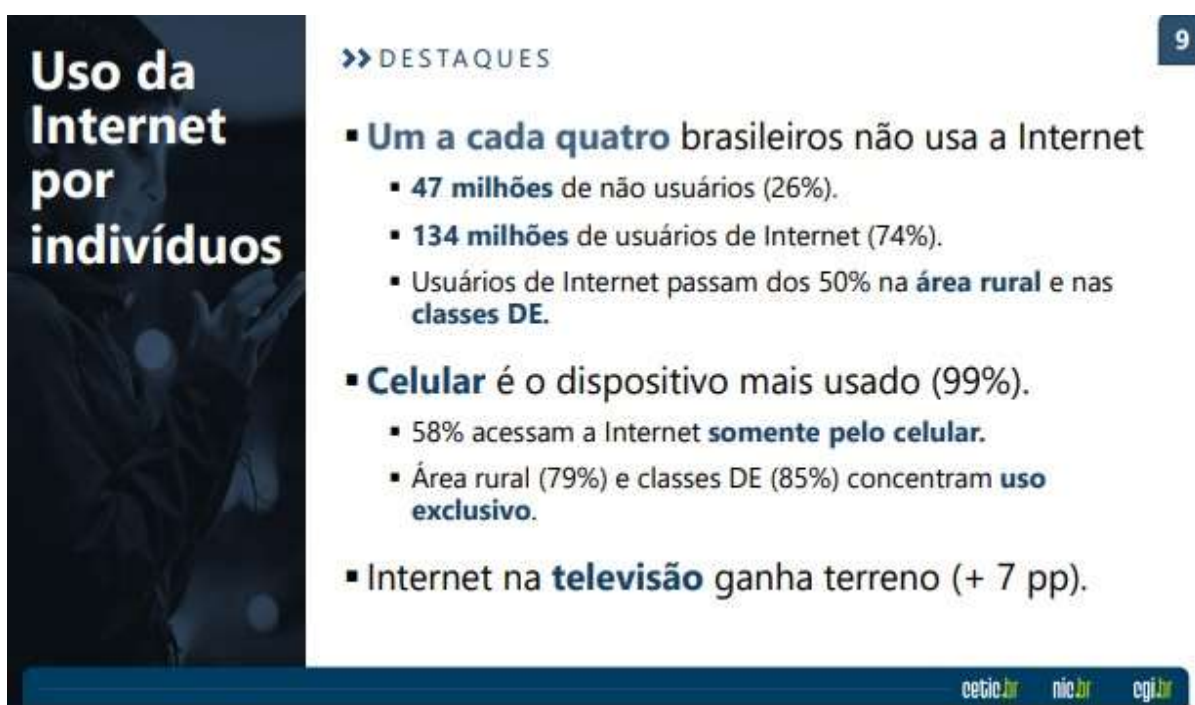
Este estudo ocupou-se em acompanhar o dia a dia de quatro núcleos de agricultores familiares residentes em quatro localidades distintas ao redor do município de São Borja/RS. Dessas quatro famílias, foi possível observar que três delas estão conectadas às novas tecnologias de comunicação via redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas (internet móvel), utilizando esses recursos não só para a informação, diversão e entretenimento, mas como ferramentas de interação com o meio urbano, de comercialização de seus produtos e divulgação de seus trabalhos.

Essa atividade revela que o meio rural está especialmente conectado e integrado às novas TICs e, justamente, nessa construção de redes de cooperação e conectividade que se percebe a perspectiva multicultural da qual se refere Canclini (1995). Diante desse cenário, é possível afirmar que o meio rural nunca esteve tão conectado e integrado com as cidades e os centros urbanos como nos dias de hoje,

fortalecendo e ampliando a rede de convívio, de negócios, de cultura e fortalecendo as cadeias produtivas locais de produção e consumo.

O cenário descrito acima tem como referência a própria pesquisa empírica realizada, como também dados da pesquisa TIC Domicílio 2019 produzida pelo Cetic.br, a qual apresenta números relacionados à internet e à conectividade no Brasil.

Figura 1 – Dados referentes à expansão da conectividade no Brasil



Fonte: CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (2020, p. 9)

Seria possível apresentar dezenas de exemplos de iniciativas que podem demonstrar essa conectividade e convergência digital em que vivem os agricultores familiares contemporâneos. Essa constatação confirma-se quando se observa o modo de atuação dos agricultores para a comunicação familiar e pessoal e também para a comunicação, divulgação e conexões externas como forma de fomentar o trabalho e divulgar suas produções, fortalecendo a cadeia produtiva, bem como gerando renda e emprego. Mas, aqui, serão apresentados como exemplo três

iniciativas da EMATER/ASCAR⁴ onde é possível visualizar, de fato, iniciativas e eventos que comprovam essa interação, conectividade e convergência dos agricultores familiares do Estado do Rio Grande do Sul (meio rural), evidenciando a utilização de ferramentas digitais para a promoção do conhecimento, troca de experiências e qualificação profissional.

Figura 2 – Convite para o Encontro Virtual de Jovens Rurais, da região de Ijuí/RS, realizado em 12 de agosto de 2020

Encontro Virtual de Jovens Rurais
Região de Ijuí
12 de agosto às 14 h

Participação
Secretário da SEAPDR - Covatti Filho
Presidente da Emater/RS - Geraldo Sandri
Presidente da Fetag - Carlos Joel da Silva
Representante da Fetraf Sul - Eni Back

Relato de Experiências
Jovens rurais em diferentes contextos: acesso a políticas de educação; acesso ao Programa Bolsa Juventude Rural; produção de leite, grãos, aves, hortaliças; participação no movimento sindical e cooperativa; acesso a mercados.

Participação Especial
Filósofo Rudinei da Rosa
Refletindo sobre o período de pandemia e juventude rural.

Inscrições
<https://bit.ly/irurals>

Assista
<https://www.youtube.com/watch?v=Gvaek6wSzZE&feature=youtu.be>

Fonte: Página no Facebook da Emater/ASCAR RS (<https://www.facebook.com/EmaterRS>)

⁴ A EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul tem como funções básicas no cumprimento de sua missão: Operar políticas públicas que contribuam para melhoria do ambiente rural e para qualidade de vida das famílias do meio rural paranaense.

Figura 3 – Convite para I Encontro Virtual de Artesanato em Lã Ovina do Rio Grande do Sul, Microrregião Piratini, Pinheiro Machado e Pedras Altas, realizado em 26 de junho de 2020

I Concurso Virtual de Artesanato em Lã Ovina do Rio Grande do Sul

Etapa Microrregional:
Piratini, Pinheiro Machado e Pedras Altas
26/06/2020



TOALHA/MANTA EM MECHAS EM LÃ FELTRADA
Categoria: Destaque Jovem Artesão
Artesã: Sílvia Crizel Madruga Garcia
Município: Piratini

XALE EM LÃ FELTRADA
Categoria: Destaque Inovação
Artesã: Andrea Madruga
Município: Piratini

Realização:

EMATER/RS 

Fonte: Página no Facebook da Emater/ASCAR RS (<https://www.facebook.com/EmaterRS>)

Figura 4 – Convite para III Encontro Virtual para Jovens Rurais: Processo sucessório, políticas públicas e autonomia para o jovem agricultor, na Região de Santa Maria/RS, realizado dia 23 de julho de 2020

EMATER/RS ASCAR
NOVAS FAÇANHAS
RURALISMO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL

EMATER/RS-ASCAR REGIONAL SANTA MARIA Convida

III ENCONTRO PARA JOVENS RURAIS / VIRTUAL
Processo Sucessório, Políticas Públicas e Autonomia para o Jovem Agricultor

23 de julho, às 14h

Mediadoras:
Regina Helena Fernandes - Gerente Regional
Marilene Ferreira - ERNS II/Social
Clarice Bock - ATE Juventude Rural

Participantes:
Covatti Filho - Secretário da SEAPDR
Geraldo Sandri - Presidente da Emater/RS
Daniéli Duarte Linke - Xiniquá/ São Pedro do Sul - Agricultura de Precisão
Danessa Metz e Anderson Kurtz Rossi - Linha Canoas/Toropi - Vitivinicultores
Ana Carolina Bombarda e Willian Araújo de São João - São Pedro do Sul - Píscultores

Acesso:
Link Transmissão: <https://cutt.ly/XpMalpC>

Fonte: Página no Facebook da Emater/ASCAR RS (<https://www.facebook.com/EmaterRS>)

Os exemplos deixam evidente que o meio rural, especialmente a agricultura familiar, está, sim, conectada e preocupada com o futuro, seja com as sucessões familiares e a permanências dos jovens no campo, seja com a utilização cada vez mais intensa dos recursos tecnológicos de informação e comunicação digitais que aproximam os sujeitos de determinadas regiões, facilitando os processos de aprendizado, troca de experiências e, sobretudo, aproximando as cadeias produtivas de produção e consumo. A seguir, no próximo item, poderá ser observado que as redes sociais também são utilizadas com intensidade por esses mesmos produtores rurais familiares, assim como outros meios, tais como o rádio, as feiras e os jornais. Isso demonstra que essas convergências, já relatadas por Canclini (1995) e outros pensadores da sociedade moderna, está sendo praticada e absorvida também pelos

agricultores familiares gaúchos, pois os mesmos evidenciam que, de fato, entenderam que essa atitude de conectividade, interação e uso de recursos digitais é possível, necessário e de fácil operação.

3 COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL COMO INDÚSTRIA CRIATIVA

Os avanços que ocorreram no campo da comunicação social nas últimas décadas, seja nos aspectos tecnológicos, seja nas pesquisas científicas, demonstram a maturidade que essa área do conhecimento atingiu. Essa mesma maturidade conceitual e elementar acaba por criar novas interações com outras áreas do conhecimento que estão mais intimamente ligadas com a modernidade, com as novas tecnologias, com a conectividade e, claro, com a criatividade. A sociedade digitalizada necessita de um novo campo fértil do conhecimento que integre a comunicação com as inovações, sobretudo a ampliação das iniciativas criativas e midiáticas (informação e comunicação) (SOUZA; SILVA, 2016).

Souza e Silva (2016) apresentam uma reflexão que fortalece essa perspectiva da relação entre a comunicação e os setores/atividades criativas, chamadas de indústrias criativas:

Deste modo, a contemporaneidade põe em evidência a potencialização das práticas criativas e culturais. Tais práticas articuladas pela dinâmica social estabelecida por questões econômicas, políticas e tecnológicas, se estabelecem nas ações individuais e na constituição e existência de organizações e instituições. [...] Nessa perspectiva a comunicação é posta como constituinte dos setores criativos e culturais (a publicidade, as mídias digitais, o audiovisual, dentre outros), ou como elemento estratégico e instrumental (SOUZA; SILVA, 2016, p. 2).

Ou seja, é justamente nessa perspectiva de integração entre a comunicação e as indústrias criativas (pertencentes ao conceito maior de economia criativa) que se identifica a necessidade de reflexão sobre essa temática, implicando em definições conceituais atualizadas sobre a comunicação e as suas estratégias no âmbito da indústria criativa. A economia criativa atualmente ocupa um lugar de destaque tanto nos debates acadêmicos, quanto nas ações de mercado, serviços e práticas empresariais. Compreender do que se trata este fenômeno maior da economia criativa, auxilia a definição de bases para o avanço deste trabalho de pesquisa e reflexão. Florida (2011, p. 5) faz um convite para observar essas movimentações recentes que a sociedade apresenta, provocando através do seguinte questionamento: “alguma coisa está acontecendo, mas você não sabe o que é. Sabe, Mr. Jones?”, referindo-se a importância que a criatividade tem hoje para a humanidade:

Na economia hoje, a criatividade é generalizada e contínua: estamos sempre revendo e aprimorando cada produto, cada processo e cada atividade imaginável, e integrando-os de novas maneiras. Além disso, a criatividade tecnológica e econômica é fomentada pela criatividade cultural e interage com ela. Esse diálogo é evidente no surgimento de novas áreas como a computação gráfica, a música digital e a animação. De modo semelhante, o compromisso compartilhado para com as diversas manifestações da criatividade sustenta o novo *ethos criativo* que anima nossa época (FLORIDA, 2011, p. 5).

É possível perceber que a ampliação da criatividade, atualmente, acaba por acumular um valor inestimável nas mais diferentes ações, processos, produtos e iniciativas econômicas, culturais e sociais. O referido valor não está estritamente associado ao seu sentido monetário e financeiro, mas, sobretudo, ao seu valor como diferencial competitivo e inovador.

Da mesma forma que há dificuldade em definir conceitos únicos e fechados de comunicação, cultura e sociedade, também há com a criatividade. Na tentativa de conceituar economia criativa, Florida (2011) apoia-se na expressão “*ethos*”, no seu sentido como estudo e definição dos costumes sociais vigentes e, especialmente, apoia-se na expressão “criativo”, fazendo a ligação com o comportamento, com a cultura e com os valores inventivos e inovadores característicos de uma determinada coletividade. O autor observa que esse *ethos* criativo acaba por estabelecer uma sensibilidade social e, assim, estimulando o desenvolvimento tanto de iniciativas da Economia Criativa, como da indústria criativa. Isso, pois, embora a criatividade seja inerente ao ser humano e as suas ações e interações, existem aspectos que, de tempos em tempos, colocam-na como um importante ativo intangível de desenvolvimento e inovação. Diante do exposto, Florida (2011) permite que se façam algumas considerações, dentre elas a de que nos dias de hoje é possível observar que a valorização e o consumo de produtos e bens não se estabelecem apenas em função da sua objetividade e funcionalidade. Ou seja, a subjetividade (criativa) é algo inerente a essa prática e a valorização desses aspectos intangíveis é algo que contribui para a configuração de diferenciais competitivos em diferentes níveis.

Santor (2017) faz algumas ponderações discutindo as possíveis relações entre comunicação e indústria criativa, tendo como pano de fundo o espectro da cultura. Sob esta perspectiva, têm-se algumas pistas do que, de fato, representa a expressão indústria criativa:

Visto pela perspectiva externa – produtos – a Indústria Criativa é tida como fruto de atividades relacionadas com a criatividade e o capital e a propriedade intelectual. Tratam-se, portanto, de habilidades próprias do pensamento. Apesar de haver uma classificação exógena (processo patológico) – pela necessidade de geração de novos mercados – o resultado econômico é uma consequência e não uma condição. Isso não ignora o fato de que a Indústria Criativa pode gerar emprego e renda, como indicam – e chamam – os relatórios [...] Dito de outra forma: a Indústria Criativa não precisa limitar-se às demandas do mercado ou produzir aquilo que se enquadra em uma expectativa já construída, mas desenvolver a inventividade para além daquilo que aparentemente se mostra como possibilidade (SANTOR, 2017, p. 22).

Com essa reflexão resulta adequada a compreensão de que a criatividade seja essencial para a maneira com que vive a sociedade contemporânea, seja nas suas atividades socioculturais, seja nas suas ações de trabalho. Nesse sentido, como afirma Florida (2011), para a humanidade atual, cada vez mais conectada e experienciada nas relações digitais, “não bastou cozinhar mais, foi preciso aperfeiçoar as receitas”. Em outras palavras, ainda que se tenham atividades produtivas tradicionais, a ampliação da criatividade, da inovação e da reinvenção de processos, produtos e atividades tornou-se indispensável, sobretudo na inter-relação entre as atividades de comunicação e indústria criativa.

Observando os Relatórios da Economia Criativa organizados pela Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD, que faz um mapeamento destas atividades em diferentes partes do mundo, percebe-se que a criatividade é o principal aspecto de base das chamadas Indústrias Criativas. A UNCTAD apresenta quatro modelos que procuram classificar as atividades que podem ser enquadradas como indústrias criativas (UNCTAD, 2010). O modelo do DCMS do Reino Unido (Department for Digital, Culture, Média and Sport) apresenta tentativa britânica já na década de 90 de reposicionar a economia criativa, definindo como indústrias criativas “aquelas que necessitam de criatividade, habilidade e talento, como potencial para a geração de riquezas e empregos por meio da exploração de sua propriedade intelectual” (DCMS, 2001 apud UNCTAD, 2010, p. 6).

Já o modelo dos “círculos concêntricos” baseia-se na proposta de que é o valor cultural dos produtos culturais que confere a essas indústrias características mais distintas. O terceiro modelo apresentado pela UNCTAD (2010), chamado de “Modelo de direitos autorais da OMPL”, tem o foco na propriedade intelectual, “como sendo a materialização da criatividade em que foi utilizada na criação de produtos e

serviços” (UNCTAD, 2010, p. 6). Por fim, o quarto modelo, intitulado de “Modelo de textos simbólicos”, abordam as atividades pelos quais a sociedade é formada e transmitida por meio da produção industrial, “disseminação e consumos de mensagens ou textos simbólicos, que são transmitidos através de vários meios, como cinema, rádios e imprensa” (idem). Em relação ao recurso metodológico de classificar as atividades da indústria criativa realizados pela UNCTAD (2010), é importante ressaltar que o modelo do Departamento de Cultura, Mídia e Esporte tem uma adequação mais ampla e adaptável às distintas atividades espalhadas pelo mundo. Nesse modelo estão as atividades de publicidade, arte e antiguidades, artesanato, design, moda, filmes e vídeos, música, artes cênicas, editoras, software, televisão, rádio, vídeo game e jogos de computador, ou seja, todas elas necessitam de criatividade, intelectualidade e podem gerar trabalho e renda.

Importante apresentar, também, a própria classificação do relatório da Economia Criativa, construído pela UNCTAD (2010), que a divide em quatro grandes grupos: patrimônio, artes, mídia e criações funcionais. O relatório apresenta a seguinte definição:

As indústrias criativas são ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários. Um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente geram receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual (UNCTAD, 2010, p. 8).

Nesse sentido, é bastante nítida a ligação que a comunicação tem com as atividades da indústria criativa nas suas mais diferentes formas de atuação. No caso específico desta pesquisa, que foi realizada com quatro famílias de agricultores familiares no município de São Borja/RS, o qual resultou na produção de um documentário (audiovisual) contendo cinco (5) episódios intitulado “Observando a agricultura familiar: conhecer e valorizar o saber/fazer campesino”, essa ligação fica evidente. A produção audiovisual enquadra-se nas classificações da UNCTAD como atividade da indústria criativa e, também, como essência, uma produção que é de fato Comunicação. A intenção foi produzir um material audiovisual criativo que permita que os mais distintos públicos conheçam e/ou reconheçam a importância das atividades dos agricultores familiares, seja pela produção de alimentos de qualidade, seja pela forma adequada de manter as famílias no campo com trabalho e renda. O documentário significa um produto da Comunicação que atua como uma

ferramenta da indústria criativa em benefício da agricultura familiar, proporcionando a valorização, o reconhecimento e, principalmente, destacando o quão importante é essa atividade profissional para o desenvolvimento local e regional.

Portanto, a Comunicação como indústria criativa no caso do documentário *Observando a Agricultura Familiar* é, sim, uma forma de refletir sobre a Comunicação imbricada ou decorrente destas urgências do cotidiano dos agricultores que, cada vez mais, encontram-se impactados pelos fenômenos da globalização, da conectividade e das relações virtuais. Quando se assiste aos episódios da produção audiovisual fica bastante claro que esse produto da Comunicação acaba gerando inúmeras possibilidades para aquele determinado objeto da pesquisa. Ou seja, a Comunicação (produto audiovisual) pode ser percebida como uma forma de ampliação da criatividade relacionada aos “saberes” e aos “fazeres” campestres diversos. Esse resultado provisório, diga-se assim, acaba por revelar atividades e práticas cotidianas que muitas pessoas não sabiam que existiam, bem como relembrar (revigorar) às pessoas que já haviam esquecido.

Com isso, a Comunicação como indústria criativa, nesse caso específico, estabelece formas de relacionar esses dois públicos que se inter-relacionam e interdependem um dos outros. Dito de outra forma, o documentário acaba se tornando um meio de aproximação e interação com as pessoas do meio urbano quando demonstra os “fazeres” campestres, e da mesma forma, com as pessoas do meio rural, que se veem sujeitos participativos e protagonistas representados naquele enredo, fortalecendo, assim, sua identidade, autenticidade e autoestima. Nesse mesmo sentido, o documentário, enquanto produto criativo, pode significar muitos sentidos simbólicos e cognitivos, como também pode significar de fato resolução de questões concretas do cotidiano, como a divulgação do trabalho, o despertar para o consumo consciente, a verificação da qualidade do que se produz no campo e, sobretudo, fortalecer as cadeias produtivas locais de consumo e geração de trabalho e renda.

De acordo com Coutinho (2017), é importante observar pontos conceituais que se complementam entre esses dois universos da Comunicação e da indústria criativa, entendendo a Comunicação como um atributo estratégico resultante de um ato criativo, cujo valor simbólico pode resultar em ampliação do potencial cultural, social e econômico:

Ao reconhecer a transformação da capacidade criativa em produto – fruto do trabalho intelectual -, inscreve o conhecimento como principal ativo capaz de tangibilizar a produção econômica. Isto é, ao alocar o conhecimento como principal vetor de desenvolvimento – tomando-o como capital intelectual -, pode-se almejar alguma possibilidade de valorização do saber e do saber-fazer, visto que estes assumem, nessa perspectiva, um caráter de dinamizadores da economia [...]Trazemos aqui a indústria criativa pensada enquanto uma concepção que se dá a partir da combinação entre criatividade e economia, tal como destaca o Relatório UNCTAD (2010), Florida (2011) e Howkins (2013) (COUTINHO, 2017, p. 29).

Sendo assim, fica evidente que o “*ethos* criativo” sugerido por Florida (2011) está de fato impregnado nas ações das mais diversas esferas da atividade humana contemporânea. A criatividade pode estar associada tanto às atividades artísticas, que envolve a imaginação e expressão, às atividades científicas, com geração de experimentações, bem como às atividades econômicas, implicando diferenciação e vantagens competitivas importantes.

3.1 Documentário como forma de expressão do saber/fazer campesino

Antes mesmo de Cristo nascer, Confúcio já havia dito que “uma imagem vale mais que mil palavras”, referindo-se acerca do poder que a imagem tinha para expressar fatos, coisas e sentimentos. Essa máxima popular provoca a reflexão sobre o quão importante é o poder da imagem e, de fato, demonstra a força e a relevância que uma ou várias imagens têm de contar histórias, revelar enredos, denunciar contextos e/ou narrar acontecimentos. Esse cenário pode ser exemplificado pelo impacto que uma fotografia antiga tem sobre a mente das pessoas, funcionando como um verdadeiro túnel do tempo que faz as lembranças virem à tona, permitindo, de certa forma, a estimulação de sentidos, sonhos, imaginações, recordações, etc.

A imagem fotográfica tem por si só um tom documental, real e factual. Kubrusly (2007) faz uma comparação interessante sobre essa condição da imagem fotográfica:

Informação inodora não convence cachorro nenhum. O cão acredita em seu focinho, o homem em seus olhos: ver para crer. Quando diz “*vi com estes olhos que a terra há de comer*” ou “*sou como Santo Tomé, só vendo*”, o homem dá a medida do crédito ilimitado que concede à informação visual (KUBRUSLY, 2007, p. 25).

Em outras palavras, o ser humano tem uma necessidade inerente de alimentar sua mente através dos olhos. Quando se observa uma fotografia (imagem) é quase instintivo procurar um complemento de informações, pois diante do desconhecido queremos saber mais sobre o que se vê. De acordo com Kubrusly (2007), a melhor imagem, ou seja, aquela que transmite com mais eficiência uma intenção ou ideia (emoção), não é necessariamente a imagem que contém o maior número de informações “verbalizadas” ou nem sempre a que conduz maior fidelidade sobre o tema ou assunto, mas, sim, o que torna uma imagem forte são os elementos envolvidos na forma de interpretá-la. Isto é, as vivências de cada indivíduo que irá definir o quanto uma determinada imagem é representativa:

Escolhemos o que nos parece mais interessante, mais significativo ou mais desejável e emocional, na miríade (imensa) de componentes de um tema, e quando se escolhe o *quê* e *como* mostrar, o escolhido passa a ter, também, um pouco de quem escolheu. O homem acredita em seus olhos mais que em qualquer outro sentido e por isto é facilmente iludido por eles: “a confusão crescia. Juntava cada vez mais gente querendo saber o motivo daquele berreiro. A mãe, desesperada, tentava por todos os meios convencer o pequeno de que aquele sorvete era mentira, feito de cera e de tinta. O menino insistia: queria aquele sorvete, provando pelo avesso a sabedoria popular: o que os olhos veem e o coração sente pode ser mais real que a própria realidade (KUBRUSLY, 2007, p. 71).

É de suma importância trazer à tona o debate que gira em torno da contribuição relevante que a fotografia trouxe à história da humanidade com a pretensão de observar as consequências que essa “imagem” parada, paralisada, fotografia *still*⁵ tem quando, então, entra em movimento. Ou seja, quando a imagem para de ser sozinha e mostra-se em conjunto, em movimento, em quantidades de quadro a quadro, aliando-se ao som (áudio) dá-se origem ao audiovisual.

Kubrusly (2007) em suas reflexões relata que a imagem é de natureza mais onírica, mais ilógica e nebulosa, não distante, é insubstituível para transmitir, num relance, toda emoção de um evento.

Roland Barthes⁶ descreve o que passava por sua cabeça ao perceber que era alvo da atenção de um fotógrafo ou quando precisava posar para uma fotografia: “quando me sinto observado pela objetiva (lente), tudo se

⁵ Assim, fotografia *Still* refere-se à fotografia de objetos parados, sem movimento (www.canon.com.br).

⁶ Roland Barthes: Escritor, filósofo e crítico literário francês que se tornou referência pela aplicação de métodos semiológicos à análise das obras literárias. Considerado um dos mais importantes pensadores contemporâneos, representante do pós-estruturalismo e do desenvolvimento da semiótica (KUBRUSLY, 2007).

transforma: passo a "posar", me fabrico instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me a priori em imagem...não sei como agir, de dentro, sobre meu aspecto. Decido 'deixar pairar' em meus olhos e lábios um sorriso que pretendo "indefinido", capaz de traduzir, além das qualidades de minha natureza, a consciência divertida que tenho de todo o cerimonial fotográfico: eu aceito o jogo social, eu poso, eu o sei, eu quero que você o saiba, mas este suplemento de mensagem não deve alterar em nada a essência preciosa de minha individualidade: o que sou além de qualquer efigie (KUBRUSLY, 2007, p. 53).

No sentido de contribuir com o estudo, visto que não há uma definição pronta e acabada de imagem, Joly (1996) compreende que a imagem indica algo, que embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços "emprestados do visual" e, assim, de qualquer modo, depende de uma produção individual de sentidos de cada sujeito. Imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz e alguém que a reconhece/interpreta (JOLY, 1996). Uma das abordagens possíveis ao tema da imagem está associada às mais variadas relações com a psique humano como nos revela o autor:

O que nos interessa na imagem mental é essa impressão dominante de visualização que se assemelha com a da fantasia ou sonho. E, agora que nos empenhamos em demonstrar o parentesco entre ver um filme e a atividade psíquica da fantasia e do sonho é a lembrança visual que predomina e que se considerará como as "imagens" do sonho. A lembrança visual e a impressão de uma completa semelhança com a realidade, que a própria impressão de semelhança ou de analogia entre a imagem e o real seja a própria construção mental (JOLY, 1996, p. 20).

Portanto, essa abordagem teórica da imagem ajuda-nos a compreender sua especificidade. Ou melhor, considerando-se os vários aspectos da imagem evocados acima, muitas teorias podem abordar a imagem: teoria da imagem em matemática, em informática, em estética, em psicologia, em psicanálise, em sociologia, em retórica, etc., porém, aqui, será delimitada uma abordagem acerca da imagem como resultado de um produto fílmico, integrante de uma composição audiovisual de produção eletrônica. A produção audiovisual de gênero documentário, criada a partir deste estudo, foi produzida com a temática dos agricultores familiares do município de São Borja e, dentre muitos aspectos, procura também discutir sobre as variáveis da temática "imagem".

Nesse sentido, na produção do documentário Observando a Agricultura Familiar: entender e valorizar o saber / fazer campesino houve, de fato, uma preocupação com a composição fotográfica e sequencial de suas imagens, uma vez

que se procura abordar a paisagem e suas especificidades destacando características da geografia, da fauna, da flora, bem como de aspectos que definem o meio rural. Entretanto, para que seja possível aprofundar acerca das características deste produto desenvolvido, é importante primeiramente discutir sobre as próprias características do audiovisual enquanto produto de comunicação, essencialmente no que diz respeito ao seu discurso fílmico, compreendendo seus diferentes aspectos.

Para Puccini (2009) o discurso do filme documentário tem por característica sustentar-se por ocorrências do real, isto é, trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido, como no caso do discurso narrativo ficcional. Essa aproximação do documentário com o real resulta na fixação de seus procedimentos essenciais de construção na busca pela legitimidade, veracidade e credibilidade. Vale ressaltar, porém, que alguns autores questionam justamente esta ligação que o documentário tem com o real, valendo-se da máxima de que todo o material audiovisual, seja ele documental ou ficcional, não passa de um simulacro da realidade. Todavia, nesta pesquisa, é utilizada a perspectiva do documentário como forma de registrar a realidade do universo pesquisado.

O audiovisual do gênero documentário utiliza-se da reunião de depoimentos, entrevistas, tomadas *in loco*, imagens de arquivos, imagens gráficas e de outros recursos, os quais, depois de organizados em determinada sequência, visam formar uma afirmação categórica sobre determinado fato, o qual é externo ao universo de quem o realizou (PUCCINI, 2009).

A produção audiovisual “Observando a Agricultura Familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino” <https://www.youtube.com/watch?v=Dm6Q9k-dlzE>, o qual inspira essa pesquisa, apresenta em toda a sua composição fílmica os elementos propostos por Puccini (2009), seja no sentido da construção narrativa dos próprios agricultores, o qual serve de linha condutora e descritiva dos acontecimentos, seja também pela organização dos elementos sequenciais que acabam por resultar em um ritmo contemplativo, sereno e integrado ao próprio ritmo de quem vive na “campanhã” (meio rural). Elementos, como as imagens selecionadas para a série documental, foram definidos através de critérios específicos, tais como: o destaque para a natureza, as árvores, as águas, os pássaros e os demais animais e como esses sujeitos pesquisados (agricultores

familiares) acabam por interagir com esse contexto. Elementos de edição eletrônica, como as passagens das cenas, priorizando um ritmo sereno onde cada tomada funde-se com a próxima de forma lenta, buscando associar a narrativa com o meio ambiente em destaque.

Um terceiro elemento, também fundamental, que cabe destacar é a trilha sonora que permite realçar essa narrativa fílmica, somando sensações e subjetividades a essa atmosfera do homem e sua relação com a criação divina (natureza). Esse homem e essa mulher rural vivem na região fronteira oeste Gaúcha, na chamada “campanhã”, onde o rio Uruguai os separa do país vizinho da Argentina e essa proximidade cultural traz múltiplos reflexos que no documentário são representados pela trilha sonora, recheada de ritmo castelhano como o “chamamé”⁷ instrumental. Por fim, os depoimentos dos personagens que essencialmente formam a linha condutora de todo o enredo documental.

Puccini (2009) nos revela a importância das entrevistas na construção argumentativa como forma de interação e narrativa canalizadora dos acontecimentos de um roteiro fílmico:

A exploração de recurso da entrevista como principal ponto de sustentação da estrutura discursiva do filme vem a ser uma das características do gênero documentário, a que filmes de ficção muitas vezes recorrem sempre que desejam uma aparência documental (Cidadão Kane, 1941, de Orson Welles, é talvez o melhor exemplo). Grosso modo, poderíamos dizer que a entrevista está para o documentário assim como a encenação está para o filme de ficção. [...] “Esse momento da entrevista constrói um personagem que se revela na interação com o entrevistador (muitas vezes o próprio diretor do filme) – não em situação de ação, mas numa exposição oral, que pode descrever ações de uma narrativa ou simplesmente exteriorizar comentários (PUCCINI, 2009, p. 42).

Sendo assim, fortalece a ideia do audiovisual como ferramenta de comunicação importante nas mais diversas narrativas, seja com intenções ficcionais, seja como forma documental. O registro de instantes (imagens congeladas) impressionam o mundo a mais de 190 anos, desde a primeira iniciativa atribuída ao francês Joseph Nicéphore Niépce em 1826, passando por imagem em movimento com o surgimento do cinema, datado em 28 de dezembro de 1895, quando foi

⁷ Chamamé é um estilo musical tradicional da [Argentina](#), apreciado também no [Paraguai](#) e em vários locais do [Brasil](#) ([Paraná](#), [Mato Grosso do Sul](#), [Rio Grande do Sul](#), [Santa Catarina](#) e [São Paulo](#)). Em sua origem se integram raízes [culturais](#) dos povos indígenas guaranis, dos criollos argentinos e até de [imigrantes](#) europeus. Na Argentina, o chamamé é dançado em compasso ternário, ou seja, o chamamé valsado (WIKIPÉDIA, 2019).

realizada a primeira exibição pública cinematográfica através dos irmãos franceses Auguste e Louis Lumière (INC INSTITUTO DE CINEMA, 2019). Isso embora haja um amplo debate acerca da criação do cinema, que não se faz necessário nesta pesquisa. Em tempos contemporâneos, onde se vive o ápice da vida digital, virtualizada e eletronicamente experienciada, o audiovisual parece ressurgir e evoluir com força ainda mais democrática e ilimitada. Simploriamente, poderia ser afirmado que o audiovisual refere-se a formas de comunicação que combinam som e imagem. Entretanto, é necessário avançar e entender que o audiovisual é uma ferramenta comunicacional eletrônica fundamental tanto para ações de educação, identidade, cultura, arte, expressões subjetivas, como também para iniciativas mercadológicas objetivas, as quais se mostram todas muito presentes no dia a dia das pessoas. É evidente essa presença quando se acessa as redes sociais e os aplicativos de comunicação instantânea, onde a produção audiovisual, complexa ou não, mostra sua total capacidade de atrair atenção, comunicar, persuadir e contar histórias.

Diante desse cenário de popularização do audiovisual frente ao atual cenário midiático, é pertinente trazer para o debate os preceitos de Nichols (2005), que resume que “todo filme é um documentário”:

Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filme: (1) documentário de satisfação de desejos (ficção) e (2) documentário de representação social. Cada tipo conta uma história, mas essas histórias, ou narrativas, são de espécies diferentes (NICHOLS, 2005, p. 26).

Isto é, o autor entende que as produções audiovisuais, de forma geral, objetivam contar histórias, porém o que comumente identifica-se como ficção, Nichols (2005) os chama de “documentários de satisfação de desejos”, pois em certa medida, tendem a servir a algum mercado cinematográfico, ou canais de televisão, ou ainda, a clientes anteriormente definidos, ou seja, servem a um mercado específico do entretenimento.

Já os “documentários de representação social”, o autor os define como produções “não ficcionais”, os quais representam de forma concreta aspectos de um mundo que já existe, real e compartilhado (NICHOLS, 2005). Justamente nesse segundo formato sugerido pelo autor é que o documentário “Observando a Agricultura Familiar” foi pensado e realizado, objetivando tornar visíveis e audíveis

os aspectos da realidade social dos seus protagonistas a partir da perspectiva e organização do realizador. Isso demonstra que o enfoque atribuído à produção audiovisual foi o de dar espaço ao saber/fazer campesino, através do registro do dia a dia do homem do campo, seu trabalho, suas crenças e seus conhecimentos. Um produto que pode reunir e expressar a compreensão daquela determinada realidade.

3.2 Produção da narrativa documental

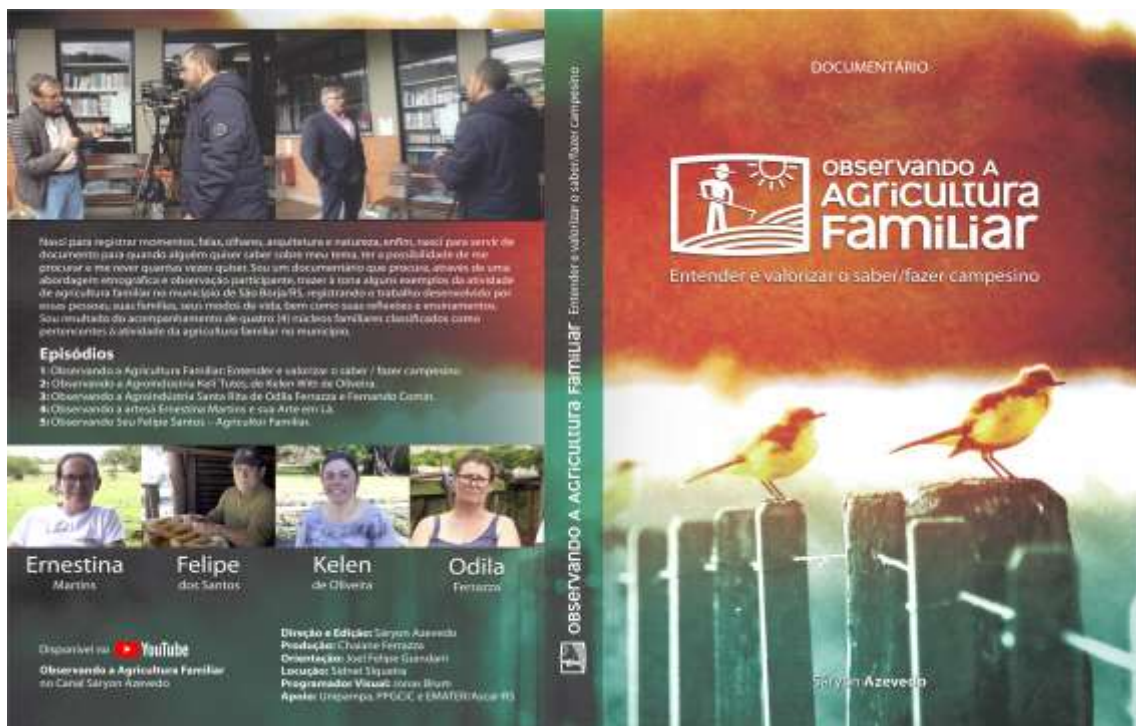
Para a realização do referido documentário, foi necessário definir limites para que fosse possível a produção, para tanto foram selecionadas quatro unidades familiares dentro de todo o universo da atividade da agricultura familiar do município de São Borja/RS. Essa definição deu origem a quatro episódios, sendo um específico de cada família, possibilitando, dessa forma, dar o devido espaço e atenção que cada núcleo demandava, tendo em vista a complexidade de seus saberes e fazeres. Contudo, a cabo desse processo, nasce, então, o quinto episódio o qual reúne fragmentos dessas quatro histórias distintas, mas que também são semelhantes em determinados aspectos socioeconômicos, onde um personagem por vez assume a narrativa e, de forma intercalada, desvendam o enredo fílmico do documentário.

Esse quinto episódio propõe uma reflexão mais aprofundada sobre as referidas famílias de agricultores, bem como a aproximação com dois conceitos que norteiam toda a narrativa, ou seja, os conceitos de “rurbanidade” e “virada da qualidade”. Conceitos esses que serão oportunamente trabalhados na sequência deste estudo. Por fim, a produção do audiovisual de gênero documental resultou uma série contendo cinco episódios classificados e nomeados conforme o seu respectivo núcleo familiar, onde segue abaixo uma sinopse da produção:

Documentário: Observando a Agricultura Familiar: Entender e Valorizar o Saber/Fazer Campesino. O documentário Observando a Agricultura Familiar foi realizado com o objetivo de entender e valorizar o Saber/Fazer Campesino. A criação e direção do documentário foi desenvolvida pelo mestrando e publicitário Sáryon Azevedo e contou com a produção da jornalista Chaiane Ferrazza, arte de Jonas Brum, locução de Sidnei Siqueira e orientação do Prof. Dr. Joel Felipe Guindani. São cinco (5) episódios divididos da seguinte forma: Episódio um (1), com 38 minutos, destaca os conceitos de “rurbanidade” e “virada da qualidade” inter-relacionados com a atividade de quatro famílias de agricultores familiares de São Borja/RS. Nos episódios dois (2), três (3), quatro (4) e cinco (5) são destacados o *saber/fazer* dessas quatro famílias de forma específica e aprofundada, com: Agroindústria Keli' tutes, Arte em Lã, Agroindústria Santa Rita e o agricultor familiar Sr. Felipe dos Santos. O documentário apresenta ainda, as

participações do professor Dr. Sérgio Schneider - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do professor Dr. Gustavo Cimadevilla - Universidad Nacional de Río Cuarto Córdoba / Argentina. Os episódios estão disponíveis para visualização na plataforma Youtube no seguinte link https://www.youtube.com/channel/UC2xw8kCptud-TdXQddSOR_g Essa produção audiovisual de gênero documentário fez parte do Projeto de Desenvolvimento e Inovação (PD&I) do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGIC) da Unipampa - Campus São Borja (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campestino, 2019).

Figura 5 – Capa do documentário Observando a Agricultura Familiar: entender e valorizar o saber/fazer campestino



Arte: Jonas Brum (2019), com dados organizados pelo autor (2019)

Retomando a discussão anteriormente proposta, é interessante observar que alguns aspectos que Nichols (2005) coloca em seu texto podem ser percebidos também nessa prática empírica, que foi a produção do documentário “Observando a Agricultura Familiar”. Na produção os próprios agricultores são os protagonistas centrais e a narrativa é desenvolvida por eles mesmos através de depoimentos, onde o entrevistador (realizador) está oculto da cena, permitindo uma interação direta entre os personagens e o telespectador. Esta metodologia de trabalho revelou-se eficaz no plano de trabalho, ou seja, uma forma de observação

participante ativa no processo de entrevista, também por parte dos telespectadores (quem consumirá o produto documentário).

Dessa forma, os personagens (agricultores) acabam por demonstrar uma linguagem própria, sobretudo expressando uma cotidianidade autêntica e específica deste modo de viver rural. Em certa medida, é isso que nos destaca Nichols (2005) quando trata as pessoas das produções documentais como “atores sociais”:

As “pessoas” são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais. Seu valor para o cineasta consiste não no que promete uma relação contratual, mas no que a própria vida dessas pessoas incorpora (NICHOLS, 2005, p. 31).

Essa ligação referida acima entre a teoria de Nichols (2005) e a prática de campo percebida na produção do documentário pode ser observada em uma parte da fala do agricultor familiar, Sr. Felipe dos Santos, morador da localidade do Mato Grande, distante 15 km da sede do município de São Borja, sobre a variedade de produtos de sua pequena propriedade rural:

É uma qualidade especial. Por exemplo, a alface chega sê doce de boa. O tomate, também eu produzo bastante aqui, mas oiá encho as baciada de tomate. Todo que se produz aqui é uma cosa muito boa; a mandioca, a batata-doce enxutinha, a moranga não tem veneno nenhum, porque não se põe, né. Só quando é novinha, quando bate “vaquinha” e o “burro”, um bichinho miudinho, que os agrônomo sabe tudo nome por nome, aí se atira cinza e eles vão embora (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino, 2019, ep. 1, tempo 29’15”).

Assim, fica evidente que a produção do gênero documentário oferece ao espectador a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção, uma vez que essa ferramenta tem a capacidade de captar as mais diferentes visões de mundo, dos mais diferentes atores sociais. Essa perspectiva coloca diante de todos questões sociais e realidades que muitos desconhecem, pois o vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo proporcionando uma dimensão importante na esfera da memória popular e da identidade social vivida por esses indivíduos cotidianamente.

Figura 6 – Processo de produção do documentário: momento de captação da entrevista com o agricultor Felipe dos Santos, na localidade de Rincão do Ivaí, em São Borja/RS



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

No texto acima foi importante trazer reflexões sobre alguns dos resultados e também descrever algumas das circunstâncias da produção do documentário, para que o leitor tenha uma ideia inicial do que virá a seguir. Evidentemente, que no capítulo adequado será feita uma explanação mais detalhada e completa dos resultados quantitativos e qualitativos que foram possíveis de serem observados, tanto com a produção do audiovisual em si, bem como, a sua capacidade de propagação e visualizações.

3.3 Audiovisual como linguagem de interação social e visibilidade

Os recursos de uma produção audiovisual como ferramenta criativa podem ter milhares de desdobramentos práticos e infinitas possibilidades de gêneros, usos, recursos e aplicações. Vale lembrar sobre o contexto onde foi desenvolvida essa pesquisa, sendo fundamental a compreensão dos espaços que ocupam os agricultores familiares diante dos grandes produtores do agronegócio, o qual já foi exposto anteriormente. Vale lembrar, também, que a problemática norteadora desta pesquisa se debruça sobre dois eixos críticos: O primeiro, de ordem exploratória

prática, objetivando saber como o produto documentário se relaciona aos processos de transformação da cadeia produtiva local (produção e consumo), da agricultura familiar? O segundo, que se constitui como a pergunta: como o audiovisual participa na construção simbólica social / coletiva, do objeto de estudo, também sob aspectos subjetivos de valorização da memória e identidade?

Com a intenção de responder e desenvolver essas questões, fez-se necessário um método de investigação onde fosse possível uma imersão nas atividades profissionais, familiares e, sobretudo, sobre as experiências vividas nas atividades da agricultura familiar. Conhecer o contexto do agricultor familiar de São Borja/RS através da participação em eventos promovidos pela EMATER/ASCAR-RS e nas próprias visitas *in loco* nas propriedades rurais, assim sendo possível mapear os atores envolvidos na agricultura familiar do município, identificando as suas principais dificuldades de atuação e desenvolvimento. Dito isso, neste capítulo será apresentada uma reflexão de como essa produção pode significar uma forma de interação individual e coletiva, tanto no universo pessoal do objeto de estudo, como também nas interações sociais e de caráter socioeconômico.

Quando se opta pelo gênero documentário, faz-se um compromisso com o real com mínimas previsões de cenas e acontecimentos, ou seja, tem-se uma ideia central de tema e abordagem, mas, sobretudo o que determinará o desenrolar do enredo e das ações será de fato o momento vivido e registrado (gravado), bem como os personagens e suas formas de expressão e espontaneidade frente à câmera e ao microfone. Puccini (2009) afirma que:

Adrian Cooper, diretor de fotografia da ABC, faz de sua experiência de filmagem uma experiência paradigmática: “O documentário é, por excelência, um meio que se serve do acaso”. O diretor de fotografia Walter Carvalho faz afirmação semelhante, baseada em sua vasta experiência com documentários: “A realidade é sempre maior do que você. Se você acha que ela se esgotou, ela dá uma reviravolta e te surpreende. Ela, a realidade, por mais que você se prepare de todas as formas, através do conhecimento do que você vai filmar, através dos equipamentos que você vai utilizar, é sempre surpreendente; e quando você chega para captar [a realidade], ela dá volta por cima, é maior do que você imaginava, e você não tinha previsto aquilo. O que é imprevisto no documentário é tão importante quanto o previsto, porque você nunca sabe o que o imprevisto pode trazer (PUCCINI, 2009, p. 80).

Vê-se, então, o quão importante é o que propõe o autor diante do desafio da imprevisibilidade na produção de um documentário. O processo de produção do documentário “Observando a Agricultura Familiar” iniciou-se com a aproximação com o universo da agricultura familiar e com a participação em encontros, dias de campo e seminários promovidos pela Emater/ASCAR-RS no município de São Borja/RS. Essa fase foi fundamental para que houvesse uma aproximação e, por consequência, a compreensão dos agricultores familiares em relação ao que se tratava a presença de uma equipe de filmagem naqueles ambientes. A circulação da câmera, microfone, tripé e cabos de forma gradual e repetitiva nos encontros promovidos pela instituição resultaram na consolidação de um laço de confiança e naturalidade com a presença daqueles equipamentos.

Figura 7 – Participação no evento: Dia de Campo - Tema: Mandioca, localidade de São Marcos interior de São Borja/RS, no dia 22 de maio de 2019



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

3.4 Personagens e seus lugares de fala

Tendo em vista que a agricultura familiar no município de São Borja/RS é composta por dezenas de famílias, foi necessária para a realização do documentário a definição de quatro (04) núcleos familiares que pudessem representar um extrato de todo o universo dos agricultores familiares locais. Essas famílias foram selecionadas através da definição de quatro critérios específicos, a saber: 1) famílias que estão classificadas como agricultores familiares de acordo com as normas do Ministério da Agricultura⁸, o qual observa o tamanho da propriedade, a mão de obra exclusiva por integrantes daquele núcleo familiar e a renda que deve ter origem exclusiva daquela determinada propriedade rural; 2) a localização geográfica das propriedades no área rural do município de São Borja/RS, levando em consideração a distância da sede e a localidade; 3) o tipo de atividade profissional desenvolvida na propriedade rural; 4) capacidade de comunicabilidade e espontaneidade dos personagens frente à câmera e ao microfone, onde se buscou um perfil que tivesse certa facilidade de expressão verbal e corporal para as gravações.

Definidas essas famílias, partiu-se, então, para as visitas *in loco* nas propriedades, buscando uma maior aproximação e também a captação de imagens e sons de apoio. Nessa etapa da pesquisa, que constituiu o contato mais próximo àquela realidade, certamente significou um movimento importante, principalmente, quando a pesquisa a qual está sendo realizada integra um programa de pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa de caráter profissional. Essa característica acaba por representar a saída do olhar acadêmico para além dos muros da universidade, ou seja, são nessas oportunidades que o mestrado profissional, de fato, participa, integra-se e troca experiências com a comunidade externa.

A ampliação dos laços de confiança, o imprevisto e a espontaneidade desses momentos resultaram interferindo significativamente no processo criativo do trabalho, evidenciando as características que apresentam a Indústria Criativa. Ou seja, o capital intelectual, aqui está representado pela intenção de desenvolver um documentário sobre a agricultura familiar, encontra respaldo na espontaneidade dos

⁸ Ministério da Agricultura: Lei 11.326/2004 - Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Critérios: 1) Atividade profissional do meio rural; 2) Área de terra de até quatro módulos fiscais; 3) Mão de obra da própria família; 4) Principal renda familiar ter origem na propriedade (BRASIL, 2004).

momentos e da interação social que acontece, compondo um processo/produto (documentário) que pode ser distribuído e consumido por quem quer que seja. Nichols (2005) já revelava sobre a importância do fazer documental em relação a sua capacidade de revelar realidades desconhecidas:

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmica) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2005, p. 27).

Para Nichols (2005), o documentário como linguagem de interação social acaba por engajar-se no mundo pela representação, fazendo isso de três maneiras: em primeiro lugar, o gênero documentário oferece um retrato reconhecível do mundo que nos cerca, seja pela capacidade que tem o suporte de registrar sons e imagens com notável fidelidade, onde é possível ver pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora da tela. Transpondo para o caso específico desta pesquisa, qualquer um dos cinco (5) episódios do documentário Observando a Agricultura Familiar pode servir como os “olhos” de quem visita e observa o trabalho e o cotidiano nas propriedades rurais efetivamente, pois para muitos dos cidadãos urbanos essa perspectiva de visitar o rural está e é muito distante.

Essas características, por si só, muitas vezes fornecem uma base para a seguinte crença: vemos o que estava lá, diante da câmera, logo deve ser verdade e esse poder extraordinário da imagem não pode ser subestimado. Como foi mencionado anteriormente nas palavras de Kubrusly (2007, p. 25), “informação inodora não convence cachorro nenhum. O cão acredita em seu focinho, o homem em seus olhos: ver para crer”.

Em segundo lugar, Nichols (2005) destaca que os documentários também significam ou representam os interesses de outros, sendo que, muitas vezes, assumem o papel de representantes do público ou, no caso deste estudo, representam os agricultores familiares. Os documentários falam em favor dos interesses tanto dos sujeitos centrais do filme, quanto do seu coletivo, bem como do tema geral norteador da produção. No caso específico do documentário “Observando a Agricultura Familiar”, adequa-se ao que sugere o autor, no sentido de dar visibilidade à atividade rural, permitindo a valorização e reconhecimento pelos

integrantes da própria comunidade ou núcleo, bem como pela sociedade externa a esse grupo. Em relação ao público externo aos agricultores, como os cidadãos que vivem na cidade (urbanos), essa visibilidade é de fato muito significativa, pois traz resultados tanto nos aspectos sociais de reconhecimento e valorização, quanto nos aspectos econômicos, pois aproxima os universos de quem produz dos que consomem, encurtando a cadeia produtiva local o que se constitui muito importante para a geração de trabalho e renda.

Por fim, em terceiro lugar, Nichols (2005) alerta que os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas. Essa concepção associada ao documentário “Observando a Agricultura Familiar” apresentaria-se-ia da seguinte forma: esse processo/produto representa os interesses dos pequenos produtores rurais no município de São Borja/RS, os quais resistem aos avanços dos grandes produtores rurais do “agribusiness”, bem como, demonstram a força da permanência das famílias no campo, evitando o chamado êxodo rural.

E, mais além, o documentário provoca a reflexão sobre a íntima relação que existe entre o rural e o urbano, o que isso representa e como estamos, enquanto sociedade urbana, ligados ao campo, mesmo que muitas vezes não percebamos. Essa inter-relação entre o rural e o urbano existe tanto nas pequenas cidades do interior, como nas grandes regiões metropolitanas e poderá ser melhor compreendida sob a ótica do conceito de “rurbanidade”, o qual será abordado na sequência.

4 A MISTURA DO RURAL E DO URBANO: ALGUNS ASPECTOS DA RURBANIDADE

Fica evidente nos dias atuais a forte participação das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na sociedade moderna, seja nos centros urbanos, seja no meio rural. Ao contrário do que pensa o senso comum, o meio rural está conectado e buscando cada vez mais os benefícios e vantagens do agir digital. Mesmo que a qualificação da conectividade no campo seja o grande desafio para o sistema agropecuário nacional, e mesmo que ainda, encontre algumas dificuldades práticas e técnicas de capacidade de conexão, área de cobertura e qualidade de sinal de internet. Mas não se pode negar a intensa comunicação instantânea que ocorre através de aplicativos entre as comunidades do interior e as da cidade, substituindo com excelência os antigos radioamadores das décadas de 70 e 80.

Através das vivências experienciadas na produção do documentário, verificou-se que aplicativos de mensagens instantâneas, redes sociais e plataformas digitais são, de fato, uma realidade na maioria dos núcleos familiares urbanos e também do meio rural. Nesse contexto, as novas tecnologias chegam pela própria necessidade de comunicação interpessoal, sobretudo, com as novas gerações de filhos de agricultores que têm certa facilidade de operar essas tecnologias, bem como pela necessidade profissional e coletiva diante de um mercado cada vez mais conectado e digital. Ou seja, a exigência de uma ação que opera as novas tecnologias de comunicação dá-se efetivamente sob os aspectos pessoais e profissionais também no meio rural, representando uma reconfiguração da própria ruralidade, uma verdadeira transformação como destacam Guerin, Deponti e Felippi (2019):

Essas transformações incluíram inovações tecnológicas, do ponto de vista produtivo; facilidade dos meios de transporte; diminuição no número de pessoas que trabalham com a agricultura; êxodo rural e diminuição significativa da população rural; aumento de atividades não agrícolas; oferta de serviços tradicionalmente urbanos no rural. Nessa lista, também está incluída a inserção de tecnologias de informação e comunicação (TICs), que proporcionaram uma outra configuração desse espaço (GUERIN; DEPONTI; FELIPPI, 2019, p. 32).

Nesse sentido, torna-se fundamental a compreensão do termo ruralidade, que sob a óptica de Guerin, Deponti e Felippi (2019) significa a relação do homem com a natureza, com a cidade e com os habitantes entre si. A primeira refere-se à biodiversidade e à paisagem material, ambas aparecendo como trunfos para o desenvolvimento e não como obstáculos. A segunda, representando o lugar de onde vem a crescente parte das rendas das populações rurais. E, a terceira, definida pela economia de proximidade, por um conjunto de laços sociais que valorizam as relações diretas de interconhecimento. Tratar a nova da realidade contemporânea do rural o qual se apresenta nos dias atuais torna-se necessário para que se possa observar os desafios e as oportunidades que surgem desse contexto à agricultura familiar desta região do país (GUERIN; DEPONTI; FELIPPI, 2019).

A relação entre o urbano e o rural sempre existiu e sempre existirá, pois de fato ocorre uma interdependência entre esses dois universos, principalmente em uma região essencialmente agrícola como a fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul. Se no passado distante esses dois contextos (rural e urbano) eram vistos sob prismas distintos, atualmente essa reconfiguração apresenta-se clara e evidente, ou melhor, é possível perceber as influências do urbano no meio rural e vice-versa com projeções e tendências do rural no meio urbano. Isso pode ser claramente percebido, por exemplo, na cultura com os diferentes ritmos musicais que trazem essa mescla, sendo possível, nesse sentido, citar as duplas sertanejas, os cantores tradicionalistas e os grupos nativistas gaúchos que cantam essa vivência rural adaptado ao meio urbano. Também é possível citar a moda, com fortes tendências que demonstram essa mistura, sobretudo com o estilo “country”.

Para ilustrar essa ligação do rural com o urbano refletido na cultura musical regional, traz-se parte da letra da música Do Fundo da Grota, de autoria e interpretação do artista Baitaca, o qual tem aceitação popular nos dias de hoje:

Fui criado na campanha; Em rancho de barro e capim; Por isso é que eu canto assim, pra lembrar meu passado (...) Eu me criei arremendado; Dormindo pelos galpão; Perto de um fogo de chão; Com os cabelo enfumaçado (...) Quando rompe a estrela d'alva; Aquento a chaleira já quase no clariá o dia; Meu pingo de arreo relincha na estrebaria; Enquanto uma saracura vai cantando empoleirada (BAITACA, 2002).

Para Cimadevilla (2009) um conceito que pode explicar com propriedade a inter-relação desses dois universos acaba por reunir dois vocábulos, ou seja, a

mistura do o rural e o urbano resultando no termo “rurbano”. Conceito este que foi proposto há mais de meio século pelo sociólogo norte-americano Charles Josiah Galpin (1864-1947) e sobre o qual Cimadevilla (2009) estrutura suas reflexões sobre a sociedade contemporânea. Nesse sentido, o autor entende que, em muitos aspectos, o rural e urbano misturam-se e que muitas realidades não podem ser pensadas exclusivamente como urbanas, mas também não podem ser pensadas como rurais, mas, ao contrário disso, devem ser pensadas como uma síntese disso, ou seja, como realidades “rurbanas” (CIMADEVILLA, 2009).

Ainda de acordo com Cimadevilla (2009), a sociedade urbana atual parece mostrar um interesse especial à alimentação mais saudável, em busca de uma reconexão com o campo e às práticas de consumos que levam em conta o modo de produção, a preocupação com a natureza e a hábitos mais responsáveis:

Nesse quadro, o rurbano e a rurbanidade que emerge da ruralização do urbano são antes de tudo uma condição social, uma forma de subsistência e um conjunto de circunstâncias que, construídas sob o manto do progresso soberano [...] deixaram a precariedade, a marginalidade e as histórias em sua sombra famílias e grupos que precisam reconstruir outro tipo de sonho. O olhar que foca naquela realidade já sabia ter lentes para decifrar seus contornos. Embora talvez uma certa falta de memória, alguns disfarces simbólicos e muitos outros interesses materiais percorriam seu mostrador (CIMADEVILLA, 2009, p, 177, tradução nossa)⁹.

A partir dessas reflexões, torna-se mais clara as intenções e modos de consumo atuais, onde os distintos tipos de públicos deixam evidente uma tendência de valorização dos produtos orgânicos e naturais com procedência de origem e que apresentem uma ligação próxima do rural, do artesanal e do ecologicamente correto. Fica, então, evidente que as pessoas que vivem nas cidades (urbanas) estão em busca de alimentos de qualidade, os quais chamam de “comida de verdade”, não obstante o mesmo fenômeno ocorre com produtos de uso mais duradouro como os artefatos em couro, lã, manufaturados e artesanais o que lhes conferem um ar autêntico e de qualidade superior. Assim, é possível refletir que, de fato, existe um

⁹ En ese marco, lo rurbano y la rurbanidad que emerge de la ruralización de lo urbano son antes que nada una condición social, un modo de subsistencia y un conjunto de circunstancias que edificadas tras el manto del progreso soberano, [...] dejaron a su sombra precariedad, marginalidad e historias familiares y colectivas que precisan reconstruir otro tipo de sueños La mirada que enfoca esa realidad, ya supo tener lentes para descifrar sus contornos. Aunque tal vez cierta falta de memoria, algunos ocultamientos simbólicos y otros tantos intereses materiales corrieron su dial (CIMADEVILLA, 2009, p. 177).

caminho inverso sendo feito, um movimento de reconexão com o campo e o rural, uma busca pelas origens e pela qualidade de vida e isso significa novas demandas e necessidades urbanas que podem ser vistas sob a perspectiva de novos desafios e vantagens competitivas para o homem que produz no campo.

Entretanto, é também possível observar o sentido inverso desta lógica, ou seja, é inegável a influência que o modo de vida e os hábitos de consumo urbanos exercem no meio rural. A disseminação das TICs são exemplos dessa interação, bem como outros aspectos, tais como moda, cultura, arte, trabalho e educação. Os cidadãos do campo buscam na cidade elementos, objetos e hábitos de vida que possam lhe proporcionar mais conforto, agilidade, modernidade e, claro, qualidade de vida.

É nessa via de mão dupla entre o rural e o urbano que se estabelece a perspectiva compartilhada por Guerin, Deponti e Felippi (2019):

Na contemporaneidade, no espaço rural, existem novas realidades. Pode-se dizer que a partir dos anos 2000 começou-se a lançar um novo olhar sobre esse mundo, que não pode ser considerado sob uma única categoria (WANDERLEY, 2000). Em decorrência dos avanços tecnológicos, da introdução de novos meios de comunicação e de informação, da revalorização do espaço, de uma série de atividades que anteriormente não eram realizadas no campo, mas que atualmente fazem parte dessa realidade, e, inclusive, da “heterogeneidade da agricultura” (NEUBURGER, 2018), muitos acreditam que exista, hoje, um novo rural (GUERIN; DEPONTI; FELIPPI, 2019, p. 40).

Esse novo rural sugerido pelos autores (as) e já refletido na expressão de “rurbano” por Cimadevilla (2009) acaba encontrando ressonância nas falas dos agricultores familiares pesquisados, os quais foram os personagens centrais do documentário “Observando a Agricultura Familiar”. Quando se destaca a fala da agricultora familiar e proprietária da agroindústria Kelli’ Tutes fica bem evidente essa mistura de realidades entre o modo de viver rural e sua interação com o urbano:

Eu sou uma pessoa do campo, sou de família do campo, casei com um rapaz que também é do campo, e a gente gosta muita desta coisa. Gosto de ir na cidade, vou lá na cidade mas volto e de tarde gosto de estar no nosso ambiente. Hoje muitas vezes as pessoas “*ahh não campo é complicado!*”, mas hoje em dia a gente tem tudo! Tem internet, tem televisão, tem telefone, que falar com qualquer pessoa né! tem acesso a tudo aqui no campo. Tem todo o conforto, tem energia elétrica tudo! (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campestre, 2019, ep. 1, tempo 17’17”).

Esse fragmento da fala da personagem corrobora com a concepção dos autores aqui estudados, e, como é possível verificar, também vai ao encontro da fala dos outros personagens que participam do documentário, como, por exemplo, do depoimento da Sra. Ernestina Martins da Silva, artesã e agricultora familiar proprietária da marca Arte em Lã. Isso, pois, em sua fala fica evidente o conceito de “rurbanidade” em ação, referido anteriormente, quando ela produz o artesanato e o resultado desse trabalho vai parar em restaurantes e hamburguerias da cidade. O pelego ovino, depois de lavado e tratado pela artesã, adequa-se muito bem ao ambiente decorado dos empreendimentos urbanos:

O baixeiro principalmente esse é para o pessoal do campo né, agora o pelego eu vendo mais para pessoal da cidade, que quer pôr numa cadeira e tal! Que nem eu te falei, que os pelegos que eu vendi ali para para a Fornearia (pizzaria), e para o restaurante lá do Beef Burger (hamburgueria). Esses a gente consegue vender bem na cidade. (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino, 2020, ep. 1, tempo 38’10”).

Ainda na perspectiva de compreender o conceito de “rurbanidade” e como essa ideia estabelece-se na prática, fica inevitável não citar a fala de outros personagens do documentário, os quais são pequenos agricultores que produzem hortifrutigranjeiros, doces em caldas, conservas e geleias. Fernando Comin e sua mãe, Sra. Odila Ferrazza, são proprietários da agroindústria Santa Rita e os mesmos também observam essa integração entre urbano e rural:

No meu caso, eu optei por morar na cidade, porque minha esposa é professora e mora lá, então é uma questão de logística. E outra assim, oh! Dá bem certo porque eu venho de manhã cedo, trabalho durante o dia (na propriedade), no final da tarde faço a colheita de verduras, porque eu faço entrega em restaurantes, lancherias né, e eu vou e faço essas entregas, daí oito oito e pouco arrecem eu vou chegar em casa. Aí dá bem certinho”. (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino, 2019, ep.1, tempo 19’43”).

Não tem como escolher, tem que ficar assim, no interior e na cidade. A opção tá boa assim! Porque não dá pra ficar só no interior ou só na cidade, e a gente tem que ficar aqui produzindo! (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino, 2019, ep. 1, tempo 20’01”).

Figura 8 – Processo de produção do documentário: captação de imagens na agroindústria Santa Rita, dos agricultores Fernando Comim e Odila Ferrazza, localidade de Santos Reis, em São Borja/RS



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Os propósitos principais para a realização deste trabalho de pesquisa e a produção de um documentário com a temática da agricultura familiar local sempre foi a tentativa de gerar transformações e impactos positivos pelo menos em duas esferas importantes desse universo da ruralidade.

Em primeiro lugar, gerar transformações e impactos na esfera socioeconômica, objetivando o fortalecimento da agricultura familiar através da aproximação da cadeia produtiva local, isto é, através do documentário fazer com que as diferentes atividades desse setor econômico fossem, de fato, visualizadas, reconhecidas e valorizadas pela comunidade externa moradora da área urbana, a qual é, reconhecidamente, o público potencialmente consumidor do que se produz no meio rural. Aproximar quem produz de forma natural, artesanal e em pequena escala de quem consome e está interessado nessa reaproximação com a natureza, com a qualidade de vida e com os produtos e alimentos “de verdade”.

Em segundo lugar, gerar impacto positivo sobre aspectos mais subjetivos, entendendo o documentário como sendo agente propulsor de sentidos junto aos próprios agricultores familiares, seja no sentido de valorização da autoestima e reconhecimento de seu trabalho, bem como na preservação de memória sobre os

modos de *saber/fazer* campesino e, sobretudo, na conservação da identidade como aspecto de fortalecimento e continuidade das atividades pelas futuras gerações de pequenos agricultores.

Em certa medida esses objetivos foram alcançados com o desenvolvimento e produção do produto (documentário) aqui analisado, resultados estes que serão oportunamente apresentados de forma mais detalhada.

4.1 Retorno às origens e os sistemas produtivos locais

A Revolução Industrial (1760 – 1840) trouxe consigo uma nova forma de consumo através da substituição da produção manual, em pequena escala, pela produção em massa. Durante muito tempo, a busca por esses produtos foi predominante, contudo, nos dias de hoje, presencia-se um movimento inverso, onde os consumidores estão voltando seus olhares novamente para produtos com origem, produzidos em pequena escala e imbricados de algum valor social ou cultural. Esse movimento de busca por um consumo mais consciente e com mais significado é conhecido como *quality turn*, literalmente traduzido como virada de qualidade, e foi desenvolvido pelo americano David Goodman (2002) e, no Brasil, vem sendo debatido por diversos pesquisadores, dentre eles Cruz e Schneider (2010).

A virada de qualidade é marcada pela valorização de produtos alimentares de qualidade diferenciada por consumidores cada vez mais reflexivos e informados, os quais procuram por alimentos funcionais, saudáveis, com sabor, qualidade, cor e tamanhos específicos (GOODMAN, 2003). Para Goodman (2003), essa virada de qualidade está associada ao aumento da quantidade de redes agroalimentares alternativas - Alternative Agrofood Networks (AAFNs) operantes paralelamente e às margens dos complexos agroalimentares predominantes, sinalizando proximidades ao espaço local, às práticas alimentares alternativas e enraizadas socialmente.

Ao lado desses complexos agroalimentares mencionados por Goodman (2003), estão os agricultores familiares. Esses trabalhadores desenvolvem suas atividades profissionais e de subsistência diante de um cenário dominado pelos grandes empresários do agronegócio, com a produção de grãos (arroz, soja, trigo e milho), bem como pecuaristas com expressivas extensões de terras destinadas

exclusivamente à criação bovina. Enquanto o mundo do agribusiness¹⁰ conta com apoio e incentivo da legislação e dos órgãos públicos competentes, e, ainda, do sistema bancário através de créditos agrícolas abundantes, os produtores rurais, com a atividade da agricultura familiar, parecem estar à margem de todo esse sistema, em uma tentativa trabalhosa e insistente de continuar a viver e produzir no campo.

Diante desse cenário, onde, de um lado, tem-se um grupo de produtores com uma produção variada, permeada pelo cuidado diário, seja com a sua produção, seja com o ambiente onde estão inseridos, porém com uma escassa atenção do poder público através de políticas públicas efetivas, e, de outro, tem-se um grupo de consumidores com tendência de valorização e busca por produtos de qualidade e procedência, é relevante aproximar esses grupos, fortalecendo e valorizando os agricultores familiares com vistas a aproximar esses dois nichos. Contribuir para essa aproximação é o que justifica o desenvolvimento dessa pesquisa, bem como, a produção de um produto audiovisual criativo que sirva de agente comunicacional neste processo.

Portanto, assim também se deslumbra a efetiva atuação de um produto de comunicação, aqui entendido como um documentário, como ferramenta importante, sobretudo, na esfera econômica, uma vez que através do documentário é possível que as pessoas que vivem no meio urbano reconheçam, entenda e valorize o processo de produção local. Esse esclarecimento viabiliza o interesse e, possivelmente, a busca mais efetiva desses produtos. Desse modo, é importante ressaltar o caráter profissional que esta pesquisa traz consigo, integrando-se à proposta do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus São Borja/RS.

A separação entre o que é rural e o que é urbano no Brasil, a exemplo do que já aconteceu com os países desenvolvidos, também passa a se tornar cada vez mais desnecessária diante de uma realidade cada vez mais complexa que demonstra que esses conceitos se interpenetram mais a cada dia. De fato, é impossível realizar um recorte espacial perfeito diante de toda a complexidade de uma realidade composta por diferentes níveis de integração, aproximação e

¹⁰ Agronegócio em inglês refere-se a toda a relação comercial e industrial envolvendo a cadeia produtiva agrícola e pecuária, envolvendo grandes propriedades monocultoras, empresas, serviços, tecnologia voltados para o mercado com finalidade de lucro (WIKIPÉDIA, 2019).

distanciamento entre os espaços rurais e urbanos: é isso que defendem Guerin, Deponti e Felippi (2019):

Uma série de ocorrências e seus desdobramentos contribuem para a ressignificação do rural, que vão desde a crise do modelo fordista, a preocupação ambiental, a demanda por alimentos saudáveis, a utilização do espaço do campo para atividades que não a de produção de alimentos. Carneiro explica que a ampliação da esfera capitalista resultou na incorporação do “não material” na produção. O que se mostrou foi que “a produção de signos (tanto os novos como as reapropriações de expressões culturais não hegemônicas, como os saberes e práticas ‘tradicionais’) passa a constituir um elemento importante dos processos econômicos e sociais contemporâneos” (CARNEIRO, 2012, p. 35). O que poderia ser exemplificado pela valorização de produtos agrícolas e beneficiados por meio de indicadores geográficos e de origem, pela ascensão do turismo rural, assim como na produção de bens culturais midiáticos que buscam referências no universo rural. Decorrente disso, a noção de rural corresponderia, alinhada à visão de Carneiro (2012, p. 46), “a construções simbólicas pertencentes a diferentes universos culturais que lhes atribuem significados distintos” (GUERIN; DEPONTI; FELIPPI, 2019, p. 46).

Essa nova ruralidade, inevitavelmente, proporciona novos desafios e perspectivas à agricultura familiar, podendo representar novas formas de se desenvolver o trabalho, gerar renda e manter o homem no campo. Em outras palavras, a agricultura familiar não precisa exclusivamente produzir alimentos de qualidade, mas pode, também, efetivamente ampliar seus horizontes com inserção de atividades ligadas, por exemplo, ao turismo, à gastronomia, a experiências cotidianas, bem como a um universo simbólico e distinto de interações culturais e de contato com o meio ambiente tão procurado pelo cidadão excessivamente urbanizado. Nesse sentido, vale ressaltar a importância que a comunicação e a indústria criativa têm no apoio e na articulação destas diferentes ações, seja no desenvolvimento de um produto como um documentário que destaca essas características do rural, seja de outras formas criativas comunicacionais que venham a auxiliar essa evolução.

De acordo com Guerin, Deponti e Felippi (2019), percebe-se que o rural ou o novo rural associado a essa ressignificação da natureza e da cultura passa a ser visto como lugar de outros tipos de trabalhos, não mais restrito à produção de alimentos e de matérias-primas para as indústrias, mas como de produção de bens simbólicos que alimentam a indústria cultural e a comunicação entre universos culturais distintos, seja de origem urbana ou de origem rural. E justamente nessa perspectiva que é possível incluir no debate as contribuições que a comunicação

como indústria criativa pode trazer a esse novo contexto *rurbano* quando utiliza-se do audiovisual como ferramenta de promoção, entretenimento, educação e informação dessas atividades.

Partindo das reflexões de Barros e Santos (2019), o documentário sintetiza uma espécie de ensaio audiovisual com uma narrativa expandida que permite a quem assiste uma experiência estética e também de interação com a temática apresentada. Ou seja, o documentário tem a capacidade de conduzir a atenção do espectador para aquele meio onde se passa o discurso fílmico e, transpondo para o caso específico da produção “Observando a Agricultura Familiar”, o documentário aproxima as atividades, os saberes e os fazeres dos agricultores familiares das pessoas moradoras da cidade, por vez aproximando ainda mais o rural do urbano e vice-versa.

O espectador é chamado ao exercício da interpretação, a uma relação especular com a narrativa que se lhe apresenta. Ele projeta suas expectativas, como que num espelho, quando se volta à narrativa do ensaio e lança mão de seus horizontes semântico-pragmáticos nos jogos de compreensão do texto audiovisual. Caminha, assim, ao encontro do autor, numa relação de alteridade. E esse outro é diferente e ao mesmo tempo é semelhante. O jogo, então, é o de reconhecer-se no outro, é reconhecer que existe um eu no outro ser, assim como, reconhecer-se como outro (BARROS; SANTOS, 2019, p. 122).

Sendo assim, é possível refletir que essas novas realidades rurbanas sofrem influências e são também construídas com apoio das novas tecnologias de informação e comunicação. A rurbanidade aliada às novas tecnologias digitais midiáticas apresentam aspectos de uma verdadeira construção social, dependente da relação dos sujeitos com o espaço, com o território e com as representações simbólicas. As mudanças ocorridas nos últimos anos, conforme enfatiza Guerin, Deponti e Felippi (2019), acabaram construindo novas, distintas e múltiplas identidades sociais e imagens sobre o rural elaboradas pelos sujeitos e grupos sociais, inclusive de uma mesma região e com o grupo a qual fazem parte, neste caso os agricultores familiares do município de São Borja/RS.

Os agricultores familiares apresentam um conhecimento muito importante sobre a qualidade dos seus mais distintos produtos e, em muitos casos, ainda produzem de uma forma bastante tradicional. Essa característica que até bem pouco tempo atrás era considerada resquício do passado, velha ou ultrapassada, hoje ressurgiu com força e com valor de mercado sendo, enfim, revalorizada. Isso porque,

há mais de 60 anos, as pessoas foram saindo do meio rural e migrando para os centros urbanos e acabaram perdendo o contato com o campo e com as coisas da vida rural. Entretanto, nos últimos anos há fortes evidências de estar acontecendo o caminho inverso: percebe-se uma busca por reconexão a esse rural do passado por meio da cultura através das danças, da música, do folclore e, também da mesma forma, por meio de um retorno às origens através da alimentação, da comida, dos hábitos e das experiências.

E é justamente nessas necessidades que ressurgem na sociedade urbana moderna que desponta o trabalho e a atividade da agricultura familiar com a produção de alimentos saudáveis, do artesanato e dos cuidados com a preservação e manutenção dos ecossistemas. Essas características têm gerado, nos últimos anos, uma significativa repercussão e demanda na sociedade urbanizada, podendo ser mencionado como exemplo a atividade da gastronomia e dos grandes chefes de cozinha, que têm preferências e solicitam por alimentos saudáveis e orgânicos com procedência, os quais são, na maioria das vezes, produzidos pelos agricultores familiares.

Outro exemplo é a procura e a demanda que surgem com as feiras de hortifrutigranjeiros que se espalham pelas cidades, oferecendo produtos naturais e aproximando o pequeno agricultor que produz de quem consome e clama por esse tipo de alimento. Por fim, é possível citar também como exemplo dessas iniciativas os serviços recentes que surgem com a entrega domiciliar de cestas contendo alimentos e produtos direto dos produtores rurais, também chamado de *delivery*. Esse tipo de serviço exclui intermediários na negociação e aproxima a cadeia produtiva local, fortalecendo as transações econômicas, gerando renda e valorizando essa reconexão do rural com o urbano.

Figura 9 – Exemplo de iniciativa de serviço *delivery*

CME MILHO (SET/20) US\$ 3,300 (1,73%) | DÓLAR (COMPRA) R\$ 5,49 (1,10%)

AGRO LINK FAÇA UM TEST DRIVE 

AGROLINKFITO COTAÇÕES NOTÍCIAS AGROVENDA AGROTEMPO REGIONAL AGRICULTURA VETERINÁRIA

Notícias Especial ▾ Categorias ▾ Cul



Imagem: Pixabay

Agricultura familiar

Cooperativas disponibilizam compras online e delivery de alimentos da agricultura familiar

As cooperativas têm buscado nas vendas digitais alternativas para superar as dificuldades encontradas com a suspensão da comercialização

Por: EMATER - RS

Publicado em 08/05/2020 às 13:39h.



337 acessos

Com objetivo de garantir o abastecimento das famílias consumidoras e o sustento de associados em meio à

Fonte: EMATER/RS (2020)

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa dividiu-se em dois grandes momentos: 1) imersão no campo de pesquisa a partir da inspiração etnográfica e 2) a pesquisa é o percurso.

5.1 Imersão no campo de pesquisa a partir da inspiração etnográfica

A primeira fase diz respeito à definição do objeto de estudo, do contexto e do processo que seria desenvolvido. Isto é, nessa fase a pesquisa delimitou-se à intenção de trabalhar a temática da agricultura familiar e o contexto socioeconômico dessa atividade na região específica do Estado do Rio Grande do Sul. Conhecer as dificuldades, os desafios e a perspectiva dos agricultores familiares permitiu diversas conexões e reflexões a respeito da temática (agricultura familiar) associada à comunicação e à indústria criativa. Em relação ao método utilizado nessa primeira fase da pesquisa, destaca-se a observação participante através de uma imersão nesse universo, possibilitando estreitar laços de convivência e confiança, em uma perspectiva etnográfica.

Foi também nesta fase do projeto que foi produzido o documentário “Observando a Agricultura Familiar”, sendo que para a sua construção foram desenvolvidas diferentes formas de levantamento de informações e interação com o objeto de estudo. Esse exercício reflexivo uniu três diferentes áreas do conhecimento: a ciência, a comunicação e a pesquisa. Neste momento inicial, foram seguidos alguns passos que envolveram a definição do tema e, por consequência, do objeto de estudo, bem como a formulação da problemática do trabalho, suas justificativas e referencial teórico, esse último sendo necessário para servir de base para as reflexões que viriam no decorrer da pesquisa. Além desse levantamento bibliográfico buscando autores que auxiliassem no debate da temática, também foram realizadas entrevistas em profundidade, no formato semiestruturadas, com os quatro personagens pesquisados, sendo previamente definidos quatro (4) pontos em comum em todas as entrevistas, a saber: 1) informações familiares; 2) tipo de atividade desempenhada na propriedade; 3) relações de produção e consumo; 4) relação com a natureza e meio ambiente.

Portanto, cabe destacar que este método sob a perspectiva da etnografia, permite ações mais flexíveis em relação ao desenvolvimento da ciência e, por

consequência, desta pesquisa. Vale ressaltar que, muitas vezes, quando se fala em uma perspectiva antropológica, seja ela social ou cultural, pensa-se sempre em sociedades exóticas, distantes, por vezes, primitivas. De fato, o termo conduz a imaginar tal situação em um primeiro momento, pois a antropologia realmente trabalha sobre o eixo central das “diferenças”. Nesse sentido, Travancas (2010) desenvolve algumas reflexões acerca da etnografia:

A etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um “mergulho” do pesquisador, ou seja, não é um tipo de pesquisa que pode ser realizada em um período muito curto e sem preparo. É fundamental, como etapa anterior à etnografia propriamente dita, um levantamento bibliográfico sobre o tema (TRAVANCAS, 2010, p. 100).

Desse modo, o trabalho de pesquisa desenvolvido contemplou essa preparação sugerida por Travancas (2010), pois foram inúmeras vezes as participações em eventos promovidos pela Emater/ASCAR, escritório São Borja, bem como visitas *in loco* nas propriedades pesquisadas. Essa articulação vai ao encontro não apenas em relação ao que se refere Travancas (2010), mas também como a perspectiva bachelardiana em relação aos métodos de pesquisa. Ou seja, o percurso realizado desde os primeiros contatos, passando pela própria gravação do documentário e suas entrevistas aprofundadas formam o método utilizado para a execução desta pesquisa, sendo justamente nessa interação e imersão com o objeto pesquisado é que se estabelecem os métodos para levantamento de informações, reflexões e possíveis sugestões para que se mediem conflitos, diferenças, dificuldades e possibilidades (BLAUNDE, 2015).

O ponto de reflexão estabelece-se especialmente nesse método de confrontar e flexibilizar o empírico (experencial) com o pensamento científico, característicos da Universidade. Esse diálogo torna-se possível através deste duplo movimento que abre o espaço entre as práticas cotidianas e o conhecimento científico. Blaunde (2015) faz uma reflexão que auxilia a compreensão sobre a perspectiva filosófica de Bachelard:

É neste sentido que declara: “o empirismo precisa ser compreendido; o racionalismo precisa de ser aplicado. Um empirismo sem leis claras, sem leis coordenadas, sem leis dedutivas não podem ser nem pensado, nem ensinado, um racionalismo sem prova palpável, sem aplicação na realidade imediata não pode convencer completamente” (BACHELARD, op. Cit. P.5).

Não se pode provar o conhecimento empírico sem se tomar a razão como base; da mesma maneira que não se pode legitimar um raciocínio sem tomar como base a experiência (BACHELARD, 1980, p. 5 apud BLAUNDE, 2015, p. 7).

Frente ao exposto, fica claro que esta perspectiva antropológica que alia a experiência vivida em campo, às práticas de aproximação e de estreitamento de confiança com o objeto de estudo, característico das ações etnográficas, não podem estar desassociadas dos referenciais teóricos pré-existentes. Quando a presente pesquisa propõe-se a ir até o meio rural, conhecer as famílias de agricultores e entrevistá-las, coletando, assim, informações e conteúdos, coloca em prática o que os autores sugerem como um método reconhecidamente científico para este estudo.

5.2 A pesquisa é o percurso

Como referido no início deste capítulo, esta pesquisa dividiu-se em dois grandes momentos, sendo o primeiro descrito logo acima. Já o segundo momento, refere-se à análise, reflexão e entendimento das temáticas que emergiram através da aplicação dos métodos utilizados, como a observação participante e a etnografia.

A partir desse trabalho de imersão realizado junto ao universo dos agricultores familiares, evidentemente que surgiram distintas demandas e temáticas que fazem parte desse contexto rural. Esses trabalhadores, por vezes, estão diante de desafios, sejam eles relacionados a aspectos socioeconômicos, diante do cenário predominantemente dominado pelos grandes produtores rurais, ou seja, eles relacionados a aspectos socioambientais quando da proliferação dos agrotóxicos que acabam prejudicando e refletindo negativamente nas pequenas propriedades rurais. Não obstante, ainda precisam conviver com as dificuldades que dizem respeito à produção, divulgação e comercialização dos produtos cultivados ou manufaturados nas propriedades pesquisadas, pois os agricultores são responsáveis por todo o processo, desde o preparo do produto/serviço, a produção, a divulgação até a comercialização.

O percurso percorrido por este estudo pôde identificar através das entrevistas aprofundadas, dos diálogos realizados e das visitas *in loco* um cenário que apresenta grandes desafios e inúmeros percalços, mas que representam para essas pessoas (agricultores familiares) o seu modo de vida, sua subsistência e,

principalmente, a sua existência como ser humano integrado ao trabalho, objetivando geração de renda. Através de muito esforço e dedicação, esses agricultores conseguem permanecer produzindo no campo, evitando a migração para a cidade e, assim, muitas vezes, impedindo o subtrabalho, o subdesenvolvimento e a pobreza.

Dessa forma, como citado anteriormente, o método de observação participante com características etnográficas, bem como a perspectiva de Bachelard permitem que o próprio percurso da pesquisa seja um método de análise do objeto de estudo. Sendo assim, esse estudo propõe-se a sair dos limites dos muros da universidade e investigar o seu objeto de estudo no seu habitat natural, qualificando, assim, as informações e os dados coletados, bem como indo ao encontro da própria proposta do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC), que tem o seu caráter profissional. Frente a isso, é possível afirmar que a aplicabilidade da pesquisa torna-se relevante e evidente justamente na construção do produto documentário que foi realizado junto a essas famílias, pois foi essa produção fílmica que, de fato, estabeleceu-se como um instrumento metodológico porque foi necessário um levantamento teórico anterior, uma aproximação e uma participação junto a esse contexto.

Todo esse percurso metodológico permitiu criar laços de confiança e credibilidade o que se refletiu, principalmente, no momento da captação das entrevistas aprofundadas qualitativas e também em motivação para que eles próprios realizassem registros do cotidiano de suas atividades, possibilitando, em segundo momento, emergir nestas informações relevantes, autênticas e profundas sobre o objeto de estudo. Isso, pois, ninguém melhor do que os próprios agricultores familiares para falar das suas próprias realidades, dificuldades, desejos e projeções de futuro. Esse método apresentou-se eficaz para que fosse possível atingir os objetivos propostos por este trabalho.

Blaunde (2015) reflete, assim, acerca da perspectiva de Bachelard sobre os métodos:

Nesta perspectiva, Bachelard mostra que as metodologias tão diversas, tão móveis nas várias ciências, dependem mesmo assim de “um método inicial, de um método geral que deve instruir todo o conhecimento, que deve tratar todos os objectos da mesma maneira. Desta forma, uma tese como a nossa que considera o conhecimento como uma evolução do espírito, que aceita variações concernentes à unidade e à perpetuidade do eu penso deve perturbar o filósofo” (BACHELARD, op.cit. p.10). É nesta tese que

Bachelard entende a filosofia do conhecimento científico, como uma “filosofia aberta” (BLAUNDE, 2015, p. 9).

Nessa perspectiva que propõe o autor, o qual faz referência a um método aberto de pesquisa, chamando-o de “conhecimento científico como uma filosofia aberta”, é que se enquadra a presente pesquisa. Em termos práticos, teve-se uma estrutura prévia inicial já planejada de como seria desenvolvida a pesquisa e os métodos utilizados, porém foi próprio fazer da pesquisa junto ao contexto das famílias pesquisadas e, principalmente, o resultado das entrevistas coletadas, é que se constituiu a metodologia aberta nesta pesquisa. Fazendo uma analogia aos tempos antigos da pesquisa de campo, onde o antropólogo ao pesquisar certa comunidade levava o seu caderno de anotações, aqui nesta pesquisa, sob esse contexto específico, o caderno foi substituído pela câmera de vídeo e o microfone, ambos possibilitando a captação de imagens, falas, gestos, expressões que permitem a extração de uma informação documental fiel daquela realidade estudada.

De acordo com Travancas (2010, p. 102), a etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador e é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas e explica que esse método exige o que se chama de “mergulho” do pesquisador para dentro daquela realidade estudada. Na realização desse processo, destacam-se dois instrumentos importantes para coleta de dados: as entrevistas abertas em profundidade e a observação participante, sendo que essas duas ferramentas têm um só objetivo que é o de observar e escutar, procurando entender quais são as verdades para aquele “nativo”.

A entrevista aprofundada e aberta tem por característica o surgimento de novas questões a cada pergunta ou a cada resposta. Essa prática foi percebida na realização empírica do documentário “Observando Agricultura Familiar”, pois as quatro famílias entrevistadas apresentaram novos elementos e novas questões, importantes no decorrer do levantamento, permitindo ao realizador do documentário uma compreensão melhor da realidade daquele entrevistado, bem como de aspectos econômicos e culturais. Sobre esses elementos novos que surgiram durante e após a realização das entrevistas de campo, que representam os qualificadores desta pesquisa, como, por exemplo, a temática dos agrotóxicos e sua

contaminação negativa nas pequenas propriedades rurais, essa problemática dos agroquímicos e das questões ambientais surgiram fortemente nos depoimentos, justamente na oportunidade de realização (gravação) das entrevistas de forma aprofundadas, de forma espontânea, pois cabe ressaltar que essa temática não havia sido pensada previamente no planejamento da pesquisa.

Figura 10 – Processo de produção do documentário: captação de entrevista com Ernestina Martins, artesã da agroindústria Arte em Lã, localidade do Caçacã, São Borja/RS



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Ainda seguindo as ideias de Travancas (2010, p. 103), que sugere a subjetividade do cientista social, apresentando um compromisso profissional e ético, tendo em vista as formas (relatos) objetivas que resultam da entrevista aprofundada, percebeu-se nas próprias manifestações dos agricultores pesquisados que suas expressões têm vida própria, falam por si só, conseqüentemente estreitando a participação do produtor/pesquisador e alargando a interação entre os personagens e quem os assiste.

Sobre a observação (pesquisa) participante enquanto método, vale ressaltar as ponderações de Peruzzo (2010, p. 131), que revelam a perspectiva dessa participação associada à área de comunicação social, podendo manifestar-se através de três maneiras: 1) observar a fenômenos importantes especialmente os

ligados a experiências populares de comunicação voltadas para desenvolvimento social; 2) realizar estudos de recepção de conteúdo de mídia que ultrapassem os padrões vigentes, como estudos de audiência e 3) finalidade de apresentar resultados da pesquisa ou até mesmo o seu processo de realização, podendo retornar ao grupo pesquisado e ser aplicado em seu benefício. Como exemplo, a autora sugere a pesquisa que poderia preocupar-se em contribuir para resolver problemas de comunicação (PERUZZO, 2010).

Portanto, é justamente nessa última possibilidade citada acima que se estabelece a presente pesquisa, ou seja, o método de observação participante na construção do documentário junto aos agricultores familiares tem uma finalidade específica, sobretudo a de buscar soluções, melhorias e reflexões na condição da existência deste grupo, aqui especificamente dos agricultores familiares. No trabalho de interpretação dos dados levantados na pesquisa e através deste método de observação participante, fica possível fazer uma ligação com as ideias propostas por Peruzzo (2010). O processo de produto do documentário, inserido naquele meio, revelou, dentre muitas coisas, a necessidade de dar visibilidade ao trabalho do pequeno agricultor, permitindo que as pessoas (externas) visualizem, reconheçam e, por consequência, valorizem seu trabalho e seus produtos desenvolvidos.

Contudo, cabe destacar que toda a investigação etnográfica pressupõe a observação participante, mas nem toda observação participante é etnografia. Peruzzo (2010) esclarece sobre essa diferenciação:

A etnografia está mais preocupada com os elementos constitutivos do cotidiano que perpassam as relações das pessoas com a mídia na perspectiva da construção de significados a partir da exposição aos conteúdos do meio de comunicação, no universo da cultura. A observação participante não só pode abarcar estudos de recepção de mensagem de televisão ou de outros meios, de caráter massivo ou comunitário, mas também estar interessada em captar outros processos comunicacionais (PERUZZO, 2010, p. 136).

O método de observação participante, com entrevistas em profundidade e imersão, pode gerar alguma controvérsia sobre sua real cientificidade, especialmente sobre seus resultados. Contudo, é importante destacar que esse método no contexto da comunicação social apresenta sua eficiência, pois permite um processo aberto e de construção coletiva entre o seu realizador e os agricultores familiares. Em outras palavras, a informação que foi extraída dos agricultores

familiares acerca de seus respectivos contextos, dificuldades e desafios passam pelo mínimo de interferência possível do pesquisador, indo direto ao encontro de quem os vê/lê, além disso, estimulando a capacidade de compreender, interpretar e analisar o fenômeno social a qual se estuda.

Quadro 1 – Objetivos específicos X metodologias utilizadas

Objetivo específico	Metodologia utilizada
a) Analisar os processos de produção do documentário Observando a Agricultura Familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino.	Método etnográfico de imersão e observação participante.
b) Avaliar os resultados obtidos com o levantamento das informações através das entrevistas com os agricultores familiares e da observação do seu cotidiano;	Entrevistas abertas, semiestruturadas e aprofundadas.
c) Compreender como a comunicação, através do audiovisual, pode contribuir na valorização e reconhecimentos dos agricultores familiares inseridos nessa cadeia produtiva local.	Perspectiva bachelardiana, na qual o próprio percurso da pesquisa é um método de análise do objeto de estudo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

6 RESULTADOS E ANÁLISES

Este capítulo encarrega-se de apresentar os resultados obtidos e uma respectiva análise acerca dos mesmos.

6.1 Os processos de produção do documentário

É importante relembrar o primeiro objetivo que esta pesquisa propôs-se, que consiste em analisar e observar os resultados dos processos de produção que levaram a construção deste produto audiovisual. Conforme já destacado na metodologia deste estudo, o processo de produção foi um dos caminhos escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa de campo e, como resultado, o processo foi estabelecido em três grandes momentos.

O primeiro momento foi a definição das famílias que seriam acompanhadas, indicando uma mostra relevante de todo universo da Agricultura Familiar no município de São Borja. As famílias foram selecionadas de acordo com quatro critérios: 1) extensão (tamanho) da propriedade rural; 2) localização geográfica; 3) tipo de atividade desempenhada na propriedade; 4) capacidade de comunicabilidade dos personagens frente a câmera e ao microfone.

Para que fosse possível respeitar esses critérios de escolha foi necessário uma aproximação importante com esse contexto determinado. Essa articulação aconteceu de forma gradual e organizada: inicialmente houve um contato com o escritório da Emater em São Borja, oportunidade para descrever e explicar as intenções do projeto. Na sequência, aconteceram as participações em eventos comunitários e técnicos onde reuniam-se os agricultores familiares. Esses seminários e “Dias de Campo” aconteceram nas próprias propriedades dos agricultores em diferentes localidades no interior do município, oportunidade através da qual foi possível a aproximação e, por consequência, o estabelecimento de vínculos de amizade e confiança, fatores fundamentais no que se refere à abordagem e ao método etnográfico de pesquisa.

Já o segundo momento, após a definição das famílias e a participação nos eventos comunitários e de classe, foi a articulação de basicamente três contatos com os núcleos familiares pesquisados. Primeiramente, os contatos via telefone

celular ou aplicativo de mensagem instantânea para a explanação das intenções da pesquisa e também para os agendamentos das visitas *in loco*, as quais tiveram que ser adequadas à agenda específica de cada família, respeitando a rotina e a atividade daquele determinado núcleo. A partir de então, foram então realizadas duas visitas presenciais que tinham como objetivo conhecer a propriedade e entender as rotinas de trabalho. Nessa primeira visita presencial, também foi realizada a entrevista a qual pode ser vista no documentário, estruturada em questões previamente definidas, mas aberta aos temas que surgiram espontaneamente do entrevistado. Já no segundo encontro presencial, foram realizadas a captação de imagens que pudessem mostrar a rotina de trabalho e também ilustrar o que fora dito na entrevista. E, dessa forma, nas quatro famílias pesquisadas o processo repetiu-se.

Por fim, o terceiro momento ficou reservado para a exibição do documentário e a observação das possíveis reações e manifestações de seus personagens, na condição de telespectadores de sua própria história e do público em geral. Como mencionado anteriormente, a intenção era de se fazer uma exibição ao grande público em eventos comunitários, porém essa ação foi, de fato, prejudicada em função das medidas de proteção contra a pandemia. Por outro lado, esse retorno às famílias pesquisadas foi proporcionado pela disponibilidade do documentário no *YouTube*. Nessa plataforma, as famílias tiveram a oportunidade de se ver e também de compartilhar com seus familiares, amigos e contatos profissionais o material que fora produzido abordando suas respectivas atividades e cotidianos. Essa possibilidade resultou na multiplicação de visualizações e, por consequência, na multiplicação do debate acerca do tema proposto.

Esses três momentos que foram descritos acima, o qual se deu na fase de produção do documentário, também fazem parte do processo de análise desta pesquisa. Isso, pois, essas etapas de produção, além de servirem como instrumento técnico de gravação e acompanhamento, também serviram como instrumentos de avaliação e de práticas possíveis de mensuração como resultado do trabalho de forma geral.

6.2 Os resultados obtidos com o levantamento das informações e da observação do seu cotidiano

Com a intenção de descrever e analisar alguns resultados que este trabalho de pesquisa obteve, faz-se necessário compreender, em parte, o cenário em que se desenvolveu esta pesquisa. Um dos aspectos, já destacados anteriormente, refere-se à esfera socioeconômica e a diferenciação de atuação dos pequenos agricultores grandes produtores rurais, frente aos grandes produtores rurais, uma vez que essa distinção é importante para a compreensão dos inúmeros desafios que a agricultura familiar precisa enfrentar para sua existência. Longe de uma retórica pessimista, essa perspectiva tem por objetivo destacar justamente a desigualdade de condições que se estabelece no meio rural, ou seja, enquanto o agronegócio avança seus limites e impõe a monocultura como forma de trabalho, os agricultores familiares oferecem uma perspectiva antagônica, caracterizada pela pequena propriedade, diversidade de produção e uma preocupação relevante com o meio ambiente. Em relação a essa temática específica dos cuidados com a natureza e também sobre a diversidade de produção, é possível elencar como resultado das entrevistas aprofundadas fragmentos de declarações que demonstram essa preocupação por parte dos agricultores familiares pesquisados.

O primeiro destaque é para o depoimento do Sr. Felipe dos Santos, agricultor familiar, fazendo referência à diversidade de alimentos que ele produz em sua propriedade:

Se produz batata doce, se produz mandioca, se produz feijão, a horta é sortida. Se produz alho, se produz cebola, tudo nos braços que se faz né. É uma dificuldade, trabalhadito, é suado! (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino, 2019, ep. 5, tempo 4'33").

Na sequência, Sr. Felipe observa a importância dos cuidados com a natureza:

Mas olha, a relação com a natureza é muito boa, se nós respeitar ela! Eu cheguei numa conclusão, que até podem criticar de eu dizer isso, porque muitos não gostam. Mas, quem é que vai gostar da cobra?! Mas eu cheguei numa conclusão: Se tem um banhado lá, tem uma macegal lá, não se pode queimar! Tem que deixar pra elas (as cobras). Porque elas tem que ter o lugar delas. Pois, porque que elas (cobras) invadem a cidade? Porque os homens do campo, os grandes produtores, com venenos estão matando tudo que é tipo de bichinho, tudo que é coisa. Tudo contra a natureza. E como essa natureza nos dá essa riqueza, um dia ela pode nos cobrar! E aí,

o dia da cobrança, como é que vai ficar essa história? (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer camponês, 2019, ep. 5, tempo 5'04").

As palavras do entrevistado demonstram vários aspectos, porém dentre eles cabem ressaltar a autenticidade e a sabedoria desse homem do campo quando se expressa sobre a diversidade do que ele produz e, sobretudo, de como ele se relaciona com a natureza. De fato, o dito popular parece confirmar-se em sua fala, ou seja, o homem do campo é aquele que fala com Deus, no sentido mais amplo da expressão referindo-se à Deus como o criador de toda a natureza. Essa compreensão da relação que se estabelece entre o agricultor e o meio ambiente só foi possível pela utilização do método de entrevista aprofundada, no qual revelou dados e informações relevantes para a presente pesquisa.

Figura 11 – Sr. Felipe dos Santos concedendo entrevista e ao fundo parte de sua horta



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Essas mesmas características de diversidade na produção e cuidado com o meio ambiente também foram observadas nas palavras da agricultora familiar e artesã Sra. Ernestina Martins:

Eu era dona de casa, fazia queijo, doces, alguma coisa pra vender, mas não era o que eu gostava! A numa conversa com a Andrea um dia, lá da Emater, ela me sugeriu a gente fazer um curso de lã. E aí nós fomos buscando os cursos e eu gostei desde o princípio. Foi um começo difícil, mas eu fui me identificando cada vez mais. Aí é o seguinte: O bacheiro, principalmente o bacheiro é pro pessoal do campo ne. O pelego ainda vendo mais pro pessoal da cidade, que quer pôr numa cadeira. Que nem eu te falei, que é os que eu vendi ali pra Fornearia (Pizzaria), para o restaurante lá do Beef Burguer (Hamburgueria). (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campestino, 2019, ep. 3, tempo 6'31").

Já quando o assunto é natureza e contato com o meio ambiente, a Sra. Ernestina Martins destaca o prazer de viver no campo:

Mas eu não me desliguei, e não pretendo me desligar daqui, porque tem coisas que eu não consigo fazer lá (Cidade). Então não adianta, eu tenho que manter a mesma relação aqui (Campo), aí final de semana geralmente eu tô aqui fora, a menos que eu tenho algum compromisso, se não é pra cá que eu venho. Porque pra mim é muito melhor aqui (Campo), até as minhas crianças, aqui ela é livre, ela sai, vai, volta. Já na cidade, ela não sai pra rua se eu não sair junto! Então é outro tipo de vida! (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campestino, 2019, ep. 3, tempo 4'55").

Diante do exposto, fica evidente que a diversidade de produção está, de fato, presente nas propriedades dos agricultores familiares, assim como a sua estreita relação de respeito e interdependência com o meio ambiente que os cercam.

Figura 12 – Pelegos em fase de secagem na propriedade da Sra. Ernestina Martins



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Como destacado no início deste capítulo, os quatro agricultores familiares que serviram de objeto de estudo desta pesquisa manifestaram igualmente suas preocupações com a diversidade de produção e os cuidados com o meio ambiente. A seguir, será apresentado como um resultado importante o depoimento de Fernando Comin, da Agroindústria Santa Rita:

O que produz tudo na propriedade a gente tenta aproveitar. Como frutas, legumes, o que dá pra fazer a gente faz, doces, conservas, congelados. Começamos a plantar um pouco de mandioca, meia dúzia de coisas, uns temperinhos, uma bolacha, um pão, umas verduras e assim vai indo. Eu (Fernando) sou mais responsável pela parte da produção dos alimentos no caso né, da horta ne. E a mãe (Odila Ferrazza) trabalha mais é na agroindústria mesmo, fazendo os doces, fazendo as conservas, essa parte da cozinha industrial é ela que faz (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino, 2019, ep. 4, tempo 3'18'").

Na agroindústria Santa Rita, além de Fernando Comin, também participa da gestão do negócio e da produção de alimentos sua mãe, Odila Ferrazza.

Figura 13 – Momento da gravação da entrevista com a família Comin e ao fundo plantação de morangos orgânicos



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Já em relação à quarta família pesquisada, destaca-se a manifestação da Kelen Witt de Oliveira, agricultora familiar e proprietária da agroindústria Keli' tutes, com produção de tortas, salgados e assados. Moradora da Vila Brites, interior de São Borja/RS, Kelen manifesta-se da seguinte forma acerca de sua relação com o meio ambiente e a importância que isso tem no seu trabalho:

Eu tenho uma grande venda de torta de morango, é um dos meus carros chefes. Aí começamos com a tortinha no pote, e a tortinha no pote de morango é uma tortinha diferenciada que eu faço, é uma tortinha sem bolo, e ela tem uma saída assim *vapt vupt!* Ai meu esposo resolveu plantar morango, para nos agregar valor. Um produto totalmente orgânico né. Então, é legal tu produzir com produtos naturais, orgânicos, né! E só vivendo no campo, com a natureza que se consegue isso! (OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino, 2019, ep. 2, tempo 9'43").

Figura 14 – Kelen Witt de Oliveira no momento da entrevista em frente a sua plantação de morangos orgânicos



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Os relatos que foram descritos acima procuram expressar informações que demonstram um eixo importante que a pesquisa revelou: a diversificação no campo por parte dos agricultores familiares. O debate sobre a policultura no campo em detrimento da monocultura sempre esteve presente entre pesquisadores e o senso comum, sendo que, aqui neste trabalho, é possível confirmar a perspectiva da policultura de produtos através das manifestações captadas através das entrevistas aprofundadas e das visitas técnicas nas propriedades. Isso, pois, as unidades familiares pesquisadas demonstraram uma diversidade de produção em suas propriedades, seja através dos hortifrutigranjeiros, produção de conservas e congelados, produção de doces e assados, seja na produção de alimentos para a sua sustentabilidade ou de artesanato em lã.

Não obstante, através do método de entrevista aberta, a qual tem como característica ser semiestruturada e aprofundada, e da observação participante, possibilitou-se a confirmação da boa relação que o agricultor familiar estabelece com

o meio ambiente. Nesse sentido, verificou-se que as suas práticas cotidianas de trabalho e subsistência estão intimamente ligadas à manutenção da natureza que os cercam. Vale ressaltar que o método utilizado para pesquisar esta temática utilizou a etnografia como ferramenta, e essa iniciativa fez com que o pesquisador realizasse visitas *in loco* nas propriedades. Foi, então, realizadas duas visitas em cada propriedade, ações essas que foram registradas em vídeo e também através de fichas de campo. Essa estratégia de atuação permitiu revelar uma proximidade e uma preocupação efetiva dos agricultores familiares com relação ao meio ambiente, sendo que essa postura fica evidente em suas práticas cotidianas observadas *in loco*, bem como nos depoimentos concedidos pelos integrantes das quatro famílias pesquisadas. Esses demonstraram uma conexão permanente com os elementos da fauna e da flora, além de interpretar, através da observação, as manifestações que a natureza expressa, seja através da leitura dos ventos, da forma das nuvens, da movimentação dos pássaros, seja através das fases da lua. Esses elementos subjetivos que a natureza expressa e que para o homem da cidade pode não ter significado algum, mas que para o agricultor familiar representam uma forma de interpretar o que a natureza manifesta, demonstrando uma sabedoria e um conhecimento empírico que fora passado de geração para geração.

6.3 A contribuição do documentário audiovisual para a valorização e reconhecimento da cadeia produtiva local

A partir de agora, a intenção é demonstrar alguns resultados obtidos através da produção do documentário Observando agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino e de como essa ferramenta de comunicação serviu de mecanismo de interação, tanto com os personagens das próprias famílias de agricultores familiares pesquisadas, quanto com o público externo a este universo. Os resultados foram obtidos pela exibição do produto em plataforma digital (*YouTube*), sendo que, nesse sentido, parte-se do pressuposto de que o próprio

percurso de produção e de pesquisa representam, em si, o método de análise. Em outras palavras, a interpretação de todo o processo de imersão e produção do documentário, bem como a exibição do material e seus resultados quantitativos, significam o conteúdo principal o qual esta pesquisa se propõe. Essa observação é pertinente, pois vale ressaltar que não se tem registro da realização de uma produção audiovisual e de um projeto de pesquisa com estas características na região de São Borja/RS. A iniciativa de se fazer um trabalho de aproximação, acompanhamento e valorização do saber/fazer campesino por meio de uma ação comunicativa criativa audiovisual representa algo inovador sobre o contexto da agricultura familiar nesta região do estado gaúcho. Isso, pois, apesar das dezenas de anos que essa região tem como forte característica a produção agropecuária, nunca fora realizado um produto de comunicação, sobretudo um audiovisual de gênero documentário, com a proposta de reconhecer e valorizar o homem rural.

Essa constatação pode ser certificada nas próprias palavras dos agricultores, mas, sobretudo, no relato da Extensionista Rural Social da Emater, unidade São Borja, Andréa Balbuena:

No meu ponto de vista, o documentário veio para dar visibilidade para um trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo dos anos e ainda pouco divulgado. Observei que a criatividade e a forma como foi interpretada a realidade dos agricultores familiares, despertou interesse e valorizou os saberes e fazeres do campo. As famílias, os extensionistas, as comunidades sentiram-se reconhecidas e valorizadas e puderam olhar de uma outra forma para a sua história de vida” (BALBUENA, 2021, informação verbal).

Dito isso, é importante neste momento fazer uma ponderação a respeito da situação atípica a qual vive a sociedade contemporânea. Inevitável não citar a problemática da pandemia causada pela doença da Covid-19 experienciada no ano de 2020 e com reflexos iminentes em 2021, pois, de fato, esta insólita realidade influenciou, sobremaneira, as mais diversas atividades sociais e profissionais, não só nesta região da fronteira gaúcha, como também em todos os continentes do planeta. A disseminação da Covid-19 vem causando mudanças significativas nas

mais diversas esferas, como na educação, no trabalho, na saúde, no campo, na cidade e nas relações sociais assim como nas atividades culturais e de pesquisa. O Brasil vem sofrendo desde o início do mês de março de 2020 com consequências imprevisíveis e imperiosas causadas por uma pandemia de proporções mundiais.

Aqui, não cabem desculpas ou retóricas vazias, pois os impactos causados por esta situação refletiram-se, também, neste trabalho de pesquisa. E não poderia ser diferente, uma vez que as medidas adotadas com a intenção de diminuir e amenizar os impactos desse coronavírus resultou em situações das mais diversas e inesperadas, como, por exemplo, cancelamento e adequações do calendário escolar, proibição de eventos sociais culturais com aglomeração de pessoas, protocolos de práticas cotidianas com uso de máscara no rosto e álcool em gel, distanciamento social, cancelamento de atividades externas e o incentivo e implementação do trabalho remoto à distância.

Em relação a esta pesquisa não foi diferente, pois a intenção é de se utilizar desse produto, que é o documentário, para exibi-lo em eventos e articulações sociais e artísticas dos agricultores familiares dessa região. Essa intenção não está descartada, pelo contrário, deverá ser efetivada assim que o chamado “novo normal” permitir a volta das atividades em grupo, dos eventos comunitários e das ações de educação e qualificação profissional. A extensionista social da Emater, Andrea Balbuena, destaca essa intenção que foi prejudicada pelo período de pandemia:

Em decorrência da pandemia da Covid 19, o material ainda não foi usado oficialmente em eventos. Havia planejamento de fazer o lançamento do documentário “Observando a Agricultura Familiar” no Seminário da Agricultura Familiar, ainda em 2020. Esperamos que logo as atividades voltem ao normal, para que neste ano de 2021 possamos usar este material nos eventos, com objetivo de motivar outros agricultores (as), além de divulgar a história, a cultura e valorizar também a pesquisa, a universidade que busca enriquecer o acervo da comunidade a qual está inserida (BALBUENO, 2021, informação verbal).

A partir de agora, serão apresentados alguns resultados quantitativos que o documentário atingiu com a sua exibição através da plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Vale lembrar que a série de documentários é composta por cinco episódios, os quais foram produzidos e editados durante o ano de 2019 e

disponibilizados para visualização em janeiro de 2020, obtendo visualizações e repercussões importantes. A intenção inicial seria de realizar uma exibição ao público geral, preferencialmente em um evento que fosse possível reunir um número maior de pessoas, sobretudo, de agricultores, técnicos e pesquisadores da área. Porém, essa iniciativa não foi possível em decorrência das medidas preventivas e os cuidados com a disseminação da pandemia durante todo o decorrer de 2020, dessa forma restringindo a vinculação e exibição à plataforma *YouTube*. Abaixo, está listado o número de visualizações de cada um dos episódios da série quantificados até a data de 22/02/2021, quinze (15) meses após a sua publicação, que se deu em 04/11/2019:

Quadro 2 – Demonstrativo do número de visualizações no *Youtube* de cada um dos episódios da série Observando a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino

Nome do episódio*	Número de visualizações em 22/02/2021
Episódio 1 – Observando a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino (Tempo: 38'10").	541
Episódio 2 – Observando a agricultura familiar: Kelen Witt de Oliveira (Agroindústria Keli' tutes) (Tempo: 14'42").	493
Episódio 3 – Observando a agricultura familiar: Ernestina Martins (Arte em Lã) (Tempo: 15'10").	222
Episódio 4 – Observando a agricultura familiar: Fernando Comin e Odila Ferrazza (Agroindústria Santa Rita) (Tempo: 15'07").	265
Episódio 5 – Observando a agricultura familiar: Sr. Felipe dos Santos (Agricultor Familiar) (Tempo: 17'27").	346

*Episódios postados na plataforma *YouTube* na data de 04/11/2019.

Fonte: Dados extraídos do canal do autor desta pesquisa no *Youtube* na data de 22/02/2021 e organizados pelo autor (2021)

Como é possível verificar no quadro 2, o número total referente aos cinco (5) episódios soma 1.867 visualizações em quinze (15) meses de disponibilização na plataforma *YouTube*. Junto a essas visualizações também surgiram alguns comentários de pessoas que assistiram o material na plataforma de compartilhamento de vídeos, os quais estão expostos no quadro a seguir:

Quadro 3 – Comentários postados por usuários da plataforma *YouTube* acerca do documentário Observando a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino

Kauê Alexandre 3 meses atrás
bom documentário, bem detalhado, ótimo trabalho.

Ronaldo Bernardino Colvero 10 meses atrás
O documentário que o autor nos apresenta é uma importante ferramenta para ser trabalhado em sala de aula tanto a nível de ensino fundamental e superior. O Empírico apresentado a partir de realidades campesinas se completam com um aporte conceitual apresentado no documentário, estes conceitos nos possibilitam fazer reflexões importantes como necessidades de criações de políticas públicas municipais, estaduais ou federais que possam fomentar a valorização como o próprio título nos mostra "Valorizar o Saber Fazer Campesino". Parabéns pelo trabalho.

Alberto Mendes 5 meses atrás
Parabéns pela tua iniciativa.
Sempre acompanho seus vídeos.

Fonte: *Youtube* (2020), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dm6Q9k-dlzE>. Acesso em: 01 mar. 2021.

Figura 15 – Interface do *YouTube*: tela com o documentário disponível para visualização



Fonte: *YouTube* (2019)

Como forma de promover e divulgar o trabalho realizado, uma das estratégias utilizadas foi a veiculação do *link* do documentário junto à rede social *Facebook* ao longo do primeiro semestre de 2020. Outra estratégia foi a divulgação das ações que se desenrolaram em função do próprio trabalho, como a participação em eventos online, divulgando e falando sobre a produção e o projeto de pesquisa e também em uma entrevista na emissora de rádio local Fronteira FM. Da mesma forma, nessa mesma rede social, *Facebook*, aconteceu diferentes manifestações e compartilhamentos que permitiram mais interação e divulgação do documentário. A seguir, traz-se alguns registros das interações dos usuários da rede social acerca de postagens relacionadas ao documentário *Observando a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino*:

Figura 16 – Postagem no *Facebook* fazendo referência a entrega do documentário à equipe do escritório da EMATER/Ascar-RS de São Borja



Fonte: Arquivo pessoal (2019), postado na rede social *Facebook* (2019)

Figura 17 – Postagem de Darlene dos Santos, filha do agricultor familiar, Sr. Felipe dos Santos, personagem do episódio número cinco (5) do documentário



Fonte: Arquivo pessoal (2019), postado na rede social *Facebook* (2019)

Figura 18 – Postagem da Sra. Ernestina Martins, agricultora familiar e artesã, personagem do episódio número três (3)



Fonte: Arquivo pessoal (2019), postado na rede social *Facebook* (2019)

Figura 19 – Postagem de Bruna Savaglia, amiga da Sra. Kelen Witt de Oliveira, proprietária da agroindústria Keli' tutes, personagem do episódio número dois (2)



Fonte: Arquivo pessoal (2019), postado na rede social *Facebook* (2019)

Figura 20 – Postagem da Sra. Odila Ferrazza, mãe de Fernando Comin, os quais são proprietários da agroindústria Santa Rita, personagens do episódio número quatro (4)



Fonte: Arquivo pessoal (2019), postado na rede social *Facebook* (2019)

Esse capítulo procurou trazer alguns resultados desta presente pesquisa, identificando como o audiovisual serve de ferramenta para a interação dos personagens pesquisados, sobretudo dando visibilidade e valorização aos agricultores familiares locais. Lembrando que um dos objetivos deste trabalho é compreender como a comunicação através do audiovisual pode contribuir na valorização e reconhecimento dos agricultores familiares que estão integrados à

cadeia produtiva local. Tendo em vista esse objetivo, é possível fazer uma análise e uma interpretação observando dois aspectos principais.

Sendo o primeiro: a estratégia de publicar os episódios em uma plataforma gratuita para usuários como o *YouTube*, onde tem-se livre acesso ao conteúdo e facilidade no compartilhamento de vídeos através do link de acesso, mostrou-se uma escolha adequada diante do cenário atípico do ano de 2020/2021, impulsionado, como já foi mencionado, pela pandemia, que inviabilizou aglomerações, eventos, encontros e programações as quais fosse possível a exibição do documentário a um grande grupo. Sendo assim, a divulgação e distribuição através do *YouTube* apresentou-se perfeitamente assertiva a esse contexto, ou seja, a partir da divulgação do link de acesso às pessoas das mais diferentes classes sociais, atividades profissionais e idade puderam ter acesso e visualizar o conteúdo proposto. Corrobora com essa realidade, como já foi visto, o número de acessos que já passam de 1.867 visualizações.

Já o segundo aspecto: a rede de compartilhamentos e divulgação do documentário tomou proporções não planejadas, pois ocorreram de forma espontânea e voluntariosa por pessoas próximas, amigos e parentes, aos personagens do filme, bem como pelos próprios personagens (agricultores) e pelo realizador do audiovisual. Essa multiplicação de postagens, compartilhamentos e de manifestações resultaram em uma interação importante, seja para os agricultores familiares, no que diz respeito às suas próprias relações sociais e de trabalho, seja em relação ao público externo, comunidade urbana (cidade) que pode reconhecer, visitar e revalorizar a atividade desenvolvida no meio rural.

Em relação a esse fenômeno resultante dos compartilhamentos e divulgação nas redes sociais cabe destacar algumas manifestações que já foram apresentadas acima, mas que aqui serão transcritas para uma melhor análise. Como, por exemplo, a postagem de Darlene dos Santos, filha do Sr. Felipe dos Santos, personagem do quinto (5) episódio, na qual reconhece as qualidades do pai e relembra sua origem e

identidade no meio rural: “que orgulho de ser filha de pequenos agricultores. Que lutam todos os dias e que sempre me ensinaram o valor das coisas.” (Darlene dos Santos). Essa manifestação revela um viés de reconhecimento e valorização da memória e da identidade dos agricultores familiares, sendo visível essa mesma intenção na postagem de Bruna Savaglia, amiga da agricultura familiar Kelen Witt de Oliveira, personagem no episódio número dois (2), parabenizando-a pelo trabalho que realiza na rede social *Facebook*, conforme figura (19): “parabéns, minha amiga pela tua luz. Pela energia que tu espalha com teu lindo trabalho” (via *Facebook*, 2019).

Importante destacar que, aqui, está sendo apresentado parte das repercussões que foram possíveis de observar, evidente que muitas outras manifestações de apoio e valorização ou crítica não foram possíveis de registros, por isso a importância dessa ressalva. Os impactos causados pelas redes de manifestações e as repercussões demonstram indícios que o objetivo proposto por esta pesquisa foi atingido no que tange à preservação da memória e a valorização da identidade do homem do campo. Para corroborar com tal afirmação, é oportuno observar a postagem (figura 18) da agricultora familiar e artesã, Sra. Ernestina Martins, personagem do episódio três (3), sobre a sua satisfação de ter participado dessa produção audiovisual: “muito bom fazer o que a gente gosta, muito bom ter seu trabalho reconhecido, mas as amizades que meu trabalho me trouxe não tem preço. Gratidão, por ter feito parte desse trabalho maravilhoso” (via *Facebook*, 2021).

Nesse mesmo sentido, destaca-se a postagem da Sra. Odila Ferraz, que junto de seu filho Fernando Comin são os gestores da agroindústria Santa Rita e personagens do episódio número quatro (4): “Estamos nos sentindo abençoados” (Odila Ferrazza). Essa frase pequena e bem objetiva expressa uma série de sentimentos dessa agricultura familiar, dona Odila Ferrazza. A palavra “abençoados” que a Sra. Odila utiliza faz referência à atenção que fora dado ao seu

trabalho e a importância que isso tem para a sua atividade profissional, bem como para a sua memória e identidade como agricultora familiar. Uma senhora que ao longo de grande parte da sua vida precisou tirar da terra o seu sustento e, após passado longos anos, percebe seu trabalho reconhecido em forma de vídeo. Em um documentário que pode ser visto e revisto tanto pelos seus amigos, parentes e familiares próximos, quanto por pessoas das mais diversas localizações, profissões, etnias, idades e cidades. Em suas palavras, pairam um ar de agradecimento e privilégio por esse acontecimento.

O documentário também teve divulgação através da própria instituição Universidade Federal do Pampa - Unipampa, bem como em outras instituições interessadas na temática da Agricultura Familiar.

Figura 21 – Postagem na página na internet da Unipampa acerca do documentário Observando a agricultura familiar

The image shows a screenshot of a website page from Unipampa. At the top left is the Unipampa logo and the text 'Universidade Federal do Pampa'. To the right is a search bar labeled 'Pesquisar' and a link for 'Ouvidoria'. Below this is a green navigation bar with menu items: 'Institucional', 'Ingresso', 'Ensino', 'Pesquisa', 'Extensão', 'Estudantes', and 'Serviços'. Underneath is a dropdown menu for 'Acesso à Informação' with a list of campus names: Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, and Uruguaiana. The main content area has a breadcrumb trail: 'Início > Documentário observando agricultura familiar entender e valorizar o saber/fazer campesino e lançado'. Below this is the publication date '16/12/2019 - 17:51', the update date 'Atualizado em 16/12/2019 - 17:51', and the view count '1321 visualizações'. The main title of the post is 'Documentário “Observando a Agricultura Familiar: Entender e valorizar o saber/fazer campesino” é lançado em São Borja'. The author is 'Por Sofia Viero Sorgetzt'. There are social media sharing buttons for 'Compartilhar' and 'Tweet'. The text of the post begins with 'Foi lançado na última sexta-feira, 13, o documentário “Observando a Agricultura Familiar: Entender e valorizar o saber/fazer campesino”. O projeto foi desenvolvido pelo servidor da Unipampa Sáryon Azevedo dentro do mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) do campus São Borja da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).'

Fonte: Portal Unipampa (2019). Disponível em: <https://unipampa.edu.br/portal/documentario-observando-agricultura-familiar-entender-e-valorizar-o-saberfazer-campesino-e-lancado>

Figura 22 – Postagem na página da internet da Unipampa, campus São Borja, acerca do documentário Observando a agricultura familiar



Página inicial > Documentário produzido para o ppgcic que destaca agricultura familiar esta disponível na internet

Documentário produzido para o PPGCIC que destaca a agricultura familiar está disponível na internet

Data de publicação 16/12/2019 - 16:37 Atualizado em 16/12/2019 - 16:51

Por Hamilton de Lima Souza

Com apoio da Unipampa, do programa de mestrado profissional PPGCIC, da Emater/ASCAR- RS São Borja foi produzido o documentário "Observando a Agricultura Familiar: Entender e valorizar o saber/fazer campestre". O documentário é um produto técnico desenvolvido pelo mestrando e publicitário Sáryon Azevedo, dentro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Unipampa - Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja/RS. A produção é da jornalista Chaiane Ferrazza, com arte de Jonas Brum, locução de Sidnei Siqueira e orientação do professor Joel Felipe Guindani.

São cinco (05) episódios divididos da seguinte forma: Episódio um (01), com 38 minutos, destaca os conceitos de "rurbanidade" e

Fonte: Portal Unipampa (2019), disponível em: <https://unipampa.edu.br/saoborja/documentario-produzido-para-o-ppgcic-que-destaca-agricultura-familiar-esta-disponivel-na-internet>

Figura 23 – Postagem na página da Unipampa, no *Facebook*, acerca do documentário Observando a agricultura familiar

The image shows a Facebook post from the official page of Unipampa. The post is dated December 17, 2019, and features a promotional graphic for the documentary 'Observando a Agricultura Familiar'. The graphic includes the title, a subtitle 'Entender e valorizar o saber/fazer campesino', and a list of credits: Direction and Editing by Sáryon Azevedo, Production by Chailane Ferrazza, Orientation by Joel Felipe Guindani, Narration by Sidnei Siqueira, Visual Programmer by Jonas Brum, and Support from Unipampa, PPGCIC, and EMATER/Ascar-RS. The post text states that the documentary has five episodes and focuses on four family nuclei in São Borja. The URL UNIPAMPA.EDU.BR is also visible.

Universidade Federal do Pampa - Unipampa
 17 de dezembro de 2019 · 🌐

O documentário possui cinco episódios e aborda o saber/fazer de quatro núcleos familiares caracterizados como Agricultura Familiar no município de São Borja 😊

DOCUMENTÁRIO
observando A AGRICULTURA Familiar
 Entender e valorizar o saber/fazer campesino

Disponível no **YouTube**
Observando a Agricultura Familiar
 no Canal Sáryon Azevedo

Direção e Edição: Sáryon Azevedo
Produção: Chailane Ferrazza
Orientação: Joel Felipe Guindani
Locução: Sidnei Siqueira
Programador Visual: Jonas Brum
Apoio: Unipampa, PPGCIC e EMATER/Ascar-RS

UNIPAMPA.EDU.BR
 Documentário "Observando a Agricultura Familiar: Entender e valorizar o saber/fazer campesino" é lançado em São Borja | Unipampa

Fonte: Página da Unipampa no *Facebook* (2019)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa procurou aliar o documentário audiovisual e a atividade criativa com a agricultura familiar no município de São Borja/RS. Propondo-se a promover um diálogo interdisciplinar entre esses três temas distintos, porém, aqui, interligados: a agricultura familiar, o audiovisual e a comunicação como indústria criativa.

Para tanto, esta dissertação inicia tratando da comunicação como evolução humana, onde foi possível promover uma reflexão a respeito da importância da mesma referente aos aspectos sociais desde os princípios da humanidade, passando pela comunicação no âmbito mais urbanizado, característico da revolução industrial e da vida no século XVII e XVIII, e chegando nas possíveis convergências que as mais distintas culturas apresentam sobre a luz da comunicação. Os desafios da conectividade são também abordados na argumentação, provocando no leitor a ideia de que a conexão não acontece tão somente nos centros urbanos e massificados, mas também no meio rural, seja para as comunicações interpessoais rotineiras, seja pela aplicabilidade de equipamentos de controle e produção agropecuária.

No capítulo três foi possível a compreensão mais detalhada da comunicação como instrumento da indústria criativa, logicamente, esclarecido sobre o conceito do que é e como agem os “criativos”, onde é viável uma associação com a comunicação e seus mais distintos produtos. Especificamente nesta pesquisa, o produto audiovisual do gênero documentário foi escolhido como forma de expressão e de narrativa à respeito da temática dos agricultores familiares, sendo que essa ferramenta proporcionou um meio de expressão para as quatro famílias que foram acompanhadas no seu dia a dia em suas atividades campesinas. Entender e reconhecer esses personagens foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, observando, sobretudo, os lugares de fala desses personagens e seus contextos sociais, familiares e de trabalho.

O capítulo quatro trouxe alguns aspectos que fazem refletir sobre a mistura que existe entre o rural e o urbano, provocando o exercício de se pensar esses dois universos não de maneiras distintas e distantes, mas justamente ao contrário, com integrantes de um mesmo contexto e que convivem de forma harmoniosa e interdependente. O rural talvez nunca na sua história esteve tão influenciado por

hábitos e modos de vida do meio urbano como atualmente, seja através da presença constante das novas tecnologias, seja por interações sutis, mas não menos inexistentes, como a moda, a gastronomia, o turismo e o contato com a natureza. Por sua vez, o meio urbano também tem sofrido, no bom sentido, grandes impactos do rural, e isso fica evidente, por exemplo, na busca por alimentos naturais, por produtos de origem orgânica, pela busca do artesanato e pela importância que as pessoas estão atribuindo a um estilo de vida mais próximo da natureza. Nesse sentido, ficou claro neste estudo que essa mistura da “rurbanidade” é benéfica para ambos os contextos, pois a convivência e a troca de experiências que acontece entre o rural e o urbano provoca avanços e qualificações importantes nesses dois meios.

Por fim, no capítulo cinco, a pesquisa apresentou o seu método de trabalho e quais as ferramentas foram utilizadas para o levantamento de dados e informações que permitissem uma análise de sua ação enquanto produto, sobretudo em um Programa de Mestrado Profissional no qual está inserido. Sendo assim, a pesquisa dividiu-se em dois grandes momentos: 1) imersão no campo de pesquisa a partir de uma inspiração etnográfica e 2) a pesquisa é o próprio percurso metodológico. E nesse sentido os horizontes ampliam-se, dando espaço à reflexão que se estabelece especialmente no modo de confrontar e flexibilizar o empírico experiencial com o pensamento científico característico da universidade. Esse diálogo torna-se possível através de um movimento que abre espaço entre as práticas cotidianas e o conhecimento científico, sendo justamente nessa interação é que se baseia o método de pesquisa utilizado. Ou seja, no percurso percorrido por este estudo, nas entrevistas aprofundadas, nos diálogos realizados, nas visitas *in loco* nas propriedades, na reflexão importante que o modo de vida de subsistência proporciona a quem assiste, etc.

Esta pesquisa teve início em 2019 quando começou a serem pensadas as possibilidades de uma articulação multidisciplinar entre os temas da agricultura familiar, o audiovisual e a indústria criativa. Desde então, muitos foram os avanços como também muitos foram os contratempos. Avanços, no sentido de aprofundar as reflexões sobre a economia criativa e seus mais diferentes reflexos na sociedade contemporânea, bem como aproximar essa temática de uma área de atuação bastante específica dessa região fronteira do estado do Rio Grande do Sul. Ou

seja, aproximar o tema da indústria criativa ao da agricultura familiar, utilizando para essa intenção o recurso do audiovisual.

Quanto aos resultados, os mesmos foram passíveis de mensuração, uma vez que se obtiveram 1.867 visualizações entre os cinco episódios do documentário em 14 meses de disponibilidade na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, ou seja, uma média de 133 visualizações por mês. Além desses dados quantitativos, também é possível elencar resultados qualitativos, os quais foram observados nas manifestações e compartilhamentos sobre o documentário produzido, além de outras interações que não foram possíveis de se registrar, permitindo ter uma avaliação positiva do produto realizado. Entretanto, deve-se frisar que esses resultados obtidos através de compartilhamentos e as manifestações espontâneas, ou em redes sociais, ou de forma presencial nos diferentes lugares, é algo difícil de mensurar, mas, com certeza, é possível verificar que o documentário ainda vem gerando resultados, pois seu consumo continua acontecendo.

Vale lembrar que a problemática proposta por esta pesquisa foi: como a produção do documentário audiovisual se relaciona aos processos de transformação da cadeia produtiva local da agricultura familiar desse público estudado? Fica bastante evidente que essa problemática, em certa medida, foi desvendada, ou seja, foi observado que o documentário como produto criativo relacionou-se de forma positiva e efetiva nesses processos de promoção, reconhecimento e valorização da atividade campesina. Já foram citadas aqui inúmeras situações e relatos de acontecimentos que demonstram essa articulação proporcionada pela ação comunicativa (documentário).

É possível destacar mais um elemento que o produto desenvolvido apresentou, no sentido de satisfazer a problemática teórica proposta, que foi além do reconhecimento do trabalho do agricultor familiar, o seu conhecimento dos personagens por outros indivíduos. Isto é, foi através do material produzido através deste estudo que muitas pessoas, genericamente, descobriram a existência do Sr. Felipe dos Santos, da Kelin Oliveira, da Família Comim e da artesã Ernestina Martins. Foi através do acesso ao documentário, mais de 1.800 visualizações no *YouTube*, que esse público teve acesso às reflexões que foram propostas na narrativa, como a preocupação com o meio ambiente, a rurbanidade, os problemas e dificuldades dos pequenos agricultores diante do *agrobusiness*, bem como os pontos positivos, divulgando os produtos que são produzidos e comercializados de forma

artesanal, orgânica e específica. Dessa forma, pode-se afirmar que o trabalho atingiu os objetivos propostos.

Não obstante, a realização deste trabalho que já tem mais de dois anos de aprimoramento e decantação e, portanto, proporcionou muitas informações, reflexões, ideias e sugestões, sendo essas últimas de diversas origens e diferentes propostas. Uma delas é que a temática aqui abordada apresente elementos que possibilitam o desenvolvimento de outras formas de comunicação direcionada aos agricultores familiares, seja nas suas práticas profissionais, na normatização de suas agroindústrias, seja na qualificação de sua atuação técnica e de gestão. Indo além, outra sugestão é que da comunicação, a indústria criativa e a agricultura familiar possam surgir novos recursos de tecnologia e inovações, permitindo uma comercialização mais efetiva e uma divulgação específica para essas cadeias produtivas de consumo local, nesse sentido caberia um aplicativo que aproximasse as relações de comercialização de quem produz no campo e de quem consome na cidade.

As possibilidades são muitas porque muitos são os caminhos que podem ser desenvolvidos pela comunicação para com esse público da agricultura familiar. Ao contrário do que pode pensar o senso comum, a criatividade e as novas tecnologias não estão restritas tão somente aos grandes centros urbanos e à produção da cultura de massa nos meios eletrônicos. A indústria criativa pode, sim, desenvolver seus produtos para esse meio específico dos agricultores, nas mais distintas formas, pois o agricultor contemporâneo não está de forma alguma alienado ou apartado dos avanços que a sociedade moderna usufrui, principalmente as novas gerações que têm a missão de permanecer no campo e produzir. Essas novas gerações de agricultores estão, de fato, atentas às novas possibilidades que surgem da modernização, da conectividade e das novas tecnologias digitais disponíveis. O homem do campo, aquele que fala com Deus, também utiliza *smartphone*. Engana-se quem acredita que o homem rural esteja desconectado e à margem dos avanços tecnológicos, pois em sua grande maioria, estão utilizando e consumindo as novas tecnologias, seja para a produção e consumo de alimentos, seja em busca de informação e interação social, constituindo-se em sujeitos de seu tempo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES – ANATEL. **Fiscalização da qualidade para os 5.570 municípios do país.** Out. 2020. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/dados/controle-de-qualidade/fiscalizacao-municipal-da-telefoniamovel>. Acesso em: 14 out. 2020.

BAITACA. Do fundo de grota. Intérprete: Baitaca. In: **Meu Rio Grande é deste jeito.** 2. v. Caxias do Sul, RS: Vozes, 2002. faixa 9

BALBUENO, Andrea. Análise e perspectivas acerca do documentário Observando a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campesino. [Entrevista cedida a]. Sáryon da Costa Azevedo, fev. 2021.

BARROS, Laan Mendes de; SANTOS, Lucas Marques dos. O ensaio audiovisual como jogo discursivo, narrativa expandida e experiência estética interacional. **ALAIC.ORG - Revista Latinamerica de Ciências de la Comunicación**, v. 16, n. 30, p. 113 - 123, 2019. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1409/594>. Acesso em: 17 jan. 2020.

BLAUNDE, Jose. Filosofia das ciências na perspectiva Bachelardiana. **Enciclopédia**, Pelotas, RS, v. 3, p. 05-17, inv. 2015. Disponível em: [periodicos.ufpel.edu.br › index.php › article › download](http://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/article/download). Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. **Lei 11.326**, de 24 de julho de 1996. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm Acesso em: 8 mai. 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – CETIC.BR. **TIC Domicílios 2019: principais resultados.** 26 mai. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em 10 nov. 2020.

CIMADEVILLA, Gustavo; CARNIGLIA, Edgardo (org.). **Relatos sobre la ruralidad.** Universidad Nacional de Río Cuarto: Río Cuarto, AR, 2009. Disponível em: <https://www.comunicacionyrurbanidad.org/wp-content/uploads/2018/03/RELATOS-SOBRE-LA-RURBANIDAD.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO-UNCTAD. Relatório de Economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável. UNCTAD: 2010.

COUTINHO, Renata Correa. Indústria criativa e indústria da comunicação: intersecções conceituais possíveis. In: SILVA, Marcela Guimarães; COUTINHO, Renata Corrêa (org.). **Processos e práticas nas atividades criativas e culturais**. Santiago, RS: Oliveira Books, 2017.

CRUZ, Fabiana Thomé da; SCHNEIDER, Sergio. Qualidade dos alimentos, escalas e produção e valorização de produtos tradicionais. **Revista Brasileira de Agroecologia**. 5(2), p. 22-38, 2010.

EMATER-RS. Cooperativas disponibilizam compras online e *delivery* de alimentos da agricultura familiar: As cooperativas têm buscado nas vendas digitais alternativas para superar as dificuldades encontradas com a suspensão da comercialização. In: **Agrolink**, 8 mai. 2020. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/cooperativas-disponibilizam-compras-online-e-delivery-de-alimentos-da-agricultura-familiar_433675.html. Acesso em: 10 nov. 2020.

FEIL, Gabriel Sausen. Comunicação: condição ou impossibilidade humana? **Galaxia**, São Paulo, online, n. 26, p. 48-59, dez. 2013.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa**. Tradução: Ana Luiza Lopes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1983.

GOODMAN, D. The quality 'turn' and alternative food practices: reflections and agenda. **Journal of Rural Studies**, v.19, n.1, p. 1-17, 2003.

GUERIN, Yhevelin Serrano; DEPONTI, Cidonea Machado; FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. Novos olhares sobre a ruralidade. In: FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan et al. **As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (re) configurações de uma ruralidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019.

INC INSTITUTO DE CINEMA. **Você sabe como surgiu o cinema?** São Paulo, 2019. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>). Acesso em: 12 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 1974-

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: notas técnicas**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101548_notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARTINO, Luiz Carlos. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: HOHFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz Carlos; FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINO, Luiz Claudio. Sobre o conceito de comunicação: ontologia, história e teoria. **Questões Transversais** - Revista de Epistemologia da Comunicação, vol. 7, n. 14, p. 13-25, jul./dez., 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/19768>. Acesso em: 12 set. 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OBSERVANDO a agricultura familiar: entender e valorizar o saber/fazer campestre. Produção Sáryon da Costa Azevedo. São Borja, 2019.1 DVD

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

SOUZA, Laura Oliveira; SILVA, Marcela Guimarães. A comunicação como instrumento da indústria criativa. **2º Encontro Missionário de Estudos Interdisciplinares em Cultura - EMIcult**, v. 2, p. 1-15, 25-26 ago. 2016.

SANTOR, Fernando Silva. Sobre a cultura-tecnologia (e a relação com a Indústria Criativa). In: SILVA, Marcela Guimarães; COUTINHO, Renata Corrêa (orgs). **Processos e práticas nas atividades criativas e culturais**. Santiago, RS: Oliveira Books, 2017.

SEBRAE. **Perfil das cidades gaúchas**: 2019: São Borja. Porto Alegre: Sebrae/RS, 2019. Disponível em: http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Sao_Borja.pdf . Acesso em: 15 mai. 2019.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

WIKIPEDIA. 2019. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em:
4 jan. 2019.